

OXIGÊNIO

OUTUBRO 2025

o

NÚMERO 74

PAISAGENS EM SUSPENSÃO
INAUGURA CAIXA CULTURAL BELÉM



EDITORIAL

COMO VENTA NESTA REVISTA!

Por todos os lados, aqui, o vento corre. Folhas chacoalham entre palavras, tintas e cores, nas copas das árvores, ao sabor da ventania.

Passam por aqui, entre traços e imagens, as amazônias que se travestem enquanto se reviram entre telas, tintas e tons. Aqui palavras vibram, rolam como pedras que desabam de ideias e estéticas. Enquanto o vento passa, o oxigênio da arte se purifica ao longo de esculturas, enfunam instalações inundadas de flores e habitam as memórias de cada território, em generosas criações: de Belém a Tiradentes, de Santa Tereza aos encontros estéticos que deslumbram Londres, às mulheres negras retratadas que conquistam Paris.

Zumbem as vozes que ecoam nos palcos Brasil afora; o teatro vive, vibra, domina a palavra e o gesto. Haja oxigênio para bombear tanto talento!

Em Belém, às portas da COP30, a Caixa Cultural abre as portas e venta muito, também, para compartilhar tesouros incriveis da arte brasileira. Arte e memória se refletem nas janelas da história, por entre as veredas de rio, mar e floresta, nas galerias, a céu aberto ou na noite escura, neste outubro abençoado pelos ventos da arte!

Boa leitura!

Capa: Candido Portinari, *Café* (detalhe), 1935 – Museu Nacional de Belas Artes Rio de Janeiro
Foto – Vicente de Mello

Jornalista Responsável: Vera Matagqueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Lúcia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradora: Maurette Brandt

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

- TEATRO:** *O Auto da Aparecida – Onde as Águas Contam Histórias* | Rio de Janeiro ganha novo festival de teatro de 7 de outubro a 2 de novembro | *Dois Perdidos*
- 04 *Numa Noite Suja* | *Dona Ruth: Festival de Teatro Negro de São Paulo* realiza quarta edição este mês, com programação internacional | *Choque! Procurando Sinais de Vida Inteligente*, em estreia nacional dia 2, no Teatro Copacabana Palace
- 14 **MATÉRIA DE CAPA:** *Paisagens em Suspensão* inaugura Caixa Cultural Belém
- 19 *José Pedro Croft: reflexos, enclaves, desvios*, no CCBB RJ
- 27 *Rembrandt, o mestre da luz e da sombra – Mostra inédita no Centro Cultural dos Correios RJ*
- 31 *Pinturas Nômades*, de Beatriz Milhazes
- 38 *Breu*, de Vicente de Mello, no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), RJ
- 41 *Flávio Cerqueira – Um Escultor de Significados*
- 44 *Amazônia Vida*, de José Roberto Aguiar, no Parque Global Cultural, SP
- 46 *Lucia Vilaseca: Outras Possibilidades*
- 49 *A inquietante estranheza do lugar do outro*
- 51 *Marco Figueiredo: (In)Congruências do Imaginário*
- 54 Exposição inédita de Mariana Palma é a nova realização do MON para o espaço do Olho e da Torre
- 57 Mostra *O Rio de Ciro: A Cidade em Xilogravuras* homenageia os 460 anos do Rio de Janeiro pelo olhar de Ciro Fernandes
- 62 *Arivanio – O Bestiário de Kixelô*, na Aura Galeria, SP
- 66 *Um rio não existe sozinho: exposição imersiva inédita* une Instituto Tomie Ohtake e Museu Goeldi em Belém
- 70 Junta 2025 ocupa a Funarte MG em sua 13ª edição e reúne obras de mais de 60 artistas
- 73 **DIRETO DE LONDRES:** Encontros – Mona Hatoum x Giacometti, no Barbican Centre
- OXIGENE: Exposições:** Panmela Castro – “Retratos Relatos: Revisitando a História”, no Les Jardinières, Montrouge, França | Vozes – Instalação multimídia da artista Ynaê Cortez, traz depoimentos de mais de 80 mulheres | Mostra 3M de Arte no Parque da Luz, São Paulo – **Dança:** The Fonteyn, da Royal Academy of Dance, em São Paulo | Carmen – Cia. Paulista de Dança Adriana Assaf – **Criatividade:** Semana Criativa de Tiradentes 2025 chega à 9ª edição – **Diálogos:** Sempre um Papo recebe Cármen Lúcia e Maria Vilani no Sesc Pinheiros, SP – **Passeios:** Arte de Portas Abertas em Santa Teresa, RJ, 2025



Grupo Trapo, *O Auto de Aparecida*

Foto: Thaina Piaullino

O AUTO DE APARECIDA ONDE AS ÁGUAS CONTAM HISTÓRIAS

*Espectáculo, que estreia na Funarte SP, celebra 25 anos
do Grupo Trapo em diálogo com a cultura popular brasileira*

O Grupo Trapo comemora seu jubileu de 25 anos com o espetáculo *O Auto de Aparecida – Onde as Águas Contam Histórias*, que mergulha no universo simbólico das águas e da cultura popular, para reviver memórias coletivas que atravessam gerações no Brasil. A estreia acontece no dia 12 de outubro, domingo, no Complexo Cultural Funarte São Paulo, às 18h, onde segue em temporada até o dia 19/10.

A montagem, concebida e dirigida por Muriel Vittorea, traz à cena um encontro entre fé, mito e

teatro, conduzido pela poética das águas do rio Paraíba do Sul – lugar de nascimento da devoção católica a Nossa Senhora Aparecida. Mais do que revisitar uma lenda, o espetáculo busca recriar um território cênico no qual religiosidade, festa, música e imaginação se entrelaçam.

O Auto de Aparecida tem forte influência da tradição dos autos populares, com inspiração em obras de mestres da dramaturgia brasileira, como o paraibano Ariano Suassuna (1927-2014), pois re-

verencia o legado de *O Auto da Compadecida* por meio de um diálogo criativo, traçando um caminho particular. O Grupo Trapo não busca a repetição, mas a reinvenção: a partir da matriz popular, o espetáculo constrói sua narrativa, unindo personagens cômicos, devocionais e humanos em histórias que refletem o Brasil profundo.

– *Nosso desejo foi criar um espetáculo que estivesse no inconsciente do nosso povo: as festas de rua, as histórias contadas nas beiras de rio, o riso fácil, mas também a dor e a resistência que nos acompanham. Mais do que uma montagem teatral, O Auto de Aparecida é um rito de celebração da memória, da fé e da própria arte* – afirma o diretor Muriel Vittorea.

Ao longo do espetáculo, os atores do Grupo Trapo, sempre em cena, desdobram-se em múltiplas figuras, entre altares e imagens, como se participassem de um ritual comunitário. A encenação de Vittorea brinca com o cômico, atravessa o sagrado, canta a cultura popular e transforma a cena em território de encontro e de partilha.

SINOPSE

Nas margens de um rio, uma trupe de artistas conta histórias que brotam das águas. Entre narrativas sagradas e profanas, personagens populares e figuras míticas, surge um teatro de festa e devoção, no qual se cruzam fé, riso e memória. *O Auto de Aparecida* é a celebração de um Brasil que resguarda a força da cultura popular e o mistério das águas, que contam e recontam histórias.

SERVIÇO

O Auto de Aparecida – Onde as Águas Contam Histórias

Estreia: 12 de outubro, domingo, 18h

Temporada: 16, 17, 18 e 19 de outubro

Complexo Cultural Funarte São Paulo – Sala Carlos Miranda

Alameda Nothmann, 1058, Campos Elíseos, Metrô Santa

Cecília, São Paulo / SP

Tel.: (11) 95078-3004

Dias/Horários: quinta a sábado, às 20h; domingo, às 18h

Ingressos: R\$ 60,00 (inteira) e R\$ 30,00 (meia-entrada)

Venda online: symppla.com.br

Bilheteria: 1 hora antes das sessões

Duração: 100 minutos

Classificação: 14 anos



Rio de Janeiro
ganha novo
festival de teatro,
de 7 de outubro
a 2 de novembro

Ficções, com Vera Holtz

Foto: Guga Melgar

Nomes como Claudia Raia, Clayton Nascimento, Débora Falabella, Gregório Duvivier, Othon Bastos, Renata Sorrah e Vera Holtz vão se apresentar na primeira edição do Festival de Teatro do Rio de Janeiro. Além das atrações já confirmadas, evento terá a primeira edição do Palco 360°, série de ações formativas com debates, painéis, cursos e oficinas gratuitas



Prima Facie, com Débora Falabella
Foto: João Caldas



Não me entrego, Não!, com Othon Bastos
Foto: Beti Niemeyer



Macacos, com Clayton Nascimento
Foto: Noelia Nájera

Este mês, o Rio de Janeiro ganhará mais um festival que promete entrar de vez para o calendário cultural brasileiro. Produzido pela Aventura, de Anieli Jordan e Luiz Calainho, o *Festival de Teatro do Rio de Janeiro* terá a sua primeira edição com 12 espetáculos que impactaram a cena teatral recentemente, além de debates, oficinas e encontros especiais com os profissionais de dentro e de fora da cena.

O público poderá aplaudir novamente montagens bem-sucedidas, como os fenômenos *"Prima Facie"* (com Débora Falabella) e *"Macacos"* (com Clayton Nascimento), assim como *"Ao Vivo – dentro da cabeça de alguém"* (com Renata Sorrah e a Cia. Brasileira), *"Não me Entrego, Não!"* (com Othon Bastos), *"O Céu da Língua"* (com Gregório Duvivier), *"King Kong Fran"* (com Rafaela Azevedo) e *"Tom na Fazenda"* (com Armando Babaioff), que celebra quase nove anos em cartaz.

A ideia da curadora Maria Siman e da diretora artística Anieli Jordan é mesmo celebrar projetos que trouxeram os espectadores para as salas de espetáculo, sem abrir mão de uma excelência artística: *"É um Festival que celebra o teatro e o público de teatro, trazendo de volta espetáculos de sucesso e promovendo, também, encontros e ações que miram na formação de plateias para as próximas gerações. O Festival será anual e, em breve, anunciaremos mais novidades"* - conta Anieli.

O Festival de Teatro do Rio de Janeiro receberá ainda a estreia carioca de *"Cenas da Menopausa"*, novo espetáculo de Claudia Raia e Jarbas Homem de Mello.

PALCO 360°: FORMAÇÃO E DIÁLOGOS

Neste primeiro ano, um painel de abertura irá investigar a construção do sucesso de três monólogos que

seguem há anos em cartaz, com Elisa Lucinda (que completa 25 anos com *“Parem de Falar Mal da Rotina”*), Rafaela Azevedo (com o fenômeno *“King Kong Fran”*) e Clayton Nascimento (*“Macacos”*).

No dia seguinte, o painel *“Para Onde Vamos”* receberá as produtoras Aniela Jordan (Aventura), Andrea Alves (Sarau Cultura Brasileira), o ator e dramaturgo Rodrigo França e a atriz Ana Beatriz Nogueira, com mediação da curadora Maria Siman e do jornalista Pedro Neves.

Haverá ainda um Encontro de Companhias: Armazém Companhia de Teatro, Cia. dos Atores, Cia. Omondé e Cia. Queimados, com os diretores Paulo de Moraes, Cesar Augusto, Inez Viana e Leandro Santanna, com mediação da jornalista Fátima Sá.

O primeiro curso do *Teatro.Lab* apresentará uma imersão na obra de Nelson Rodrigues, conduzida pelo ator e pesquisador Pedro Henrique Müller, formado em Artes Cênicas e Teoria do Teatro (Unirio), além de idealizador e apresentador de um canal no YouTube sobre clássicos da literatura e do teatro.

“Teremos o compromisso de, sempre, trazer essas atividades de forma gratuita, como um complemento para a programação teatral”, reafirma Aniela Jordan, diretora artística da Aventura e do Festival.

SERVIÇO

Festival de Teatro do Rio de Janeiro

Espetáculos confirmados:

7 e 8 de outubro (terça e quarta): *“Ao Vivo (dentro da cabeça de alguém)”* – com Renata Sorrah e a Cia Brasileira

9 de outubro (quinta): *“O Figurante”* – com Mateus Solano

10 de outubro (sexta): *“Parem de Falar Mal da Rotina”* – com Elisa Lucinda

11 de outubro (sábado): *“Macacos”* – com Clayton Nascimento

12 de outubro (domingo): *“Não me Entrego, Não!”* – com Othon Bastos

14 de outubro (terça): *“Brás Cubas”* – com a Armazém Companhia de Teatro

De 16 a 19 de outubro (quinta a domingo): *“Cenas da Menopausa”* – com Claudia Raia e Jarbas Homem de Mello

21 a 22 de outubro (terça e quarta): *“Ficções”* – com Vera Holtz, direção de Rodrigo Portella

23 de outubro (quinta): *“Tom na Fazenda”* – com Armando Babaioff e Denise Del Vecchio, direção de Rodrigo Portella

24 a 26 de outubro (sexta a domingo): *“O Céu da Língua”* – com Gregorio Duvivier

29 de outubro (quarta): *“King Kong Fran”* – protagonizado pela personagem-título Fran, criação da atriz e palhaça Rafaela Azevedo

31 de outubro a 2 de novembro (sexta a domingo): *“Prima Facie”* – com Débora Falabella, direção de Yara de Novaes

Informações, programação e vendas na Ingresso.com:

<https://www.ingresso.com/espetaculos/1-festival-de-teatro-do-rio-de-janeiro-prima-facie>

Ingressos: de R\$ 50 (R\$ 25 a meia) a R\$ 200 (R\$ 100 a meia)



“Ao Vivo – dentro da cabeça de alguém”, com Renata Sorrah e a Cia. Brasileira

Foto: Lina Sumizono

“Brás Cubas”, com a Armazém Companhia de Teatro

Foto: Divulgação



DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA



Foto: Kym Kobaiashi

*Companhia Teatro do Incêndio encena obra-prima de Plínio Marcos,
para celebrar os 90 anos de nascimento do autor*

A trama mostra a convivência forçada entre dois homens em um quarto imundo de pensão, o que gera uma tensão crescente e que os leva a ter atitudes violentas e a decisões radicais para se livrarem de seus destinos, traçados pela condição social. O diretor Marcelo Marcus Fonseca, que está no elenco ao lado

de André Pottes, leva ao palco uma encenação árida desse clássico do teatro brasileiro.

Tonho (Pottes) e Paco (Fonseca) vivem uma relação de interdependência, na condição de subtrabalhadores informais, que carregam caixas no mercado, à espera

de alguma oportunidade melhor. Tonho, que veio do interior e tem alguma instrução, viu-se perdido na cidade, quando seu calçado estragou. Acredita que não consegue um bom emprego devido a essa circunstância. Paco, um músico semianalfabeto e a um passo da marginalidade, teve sua flauta roubada em uma bebedeira – e ostenta um sapato novo que ganhou, exasperando o companheiro. Ainda que busque aprender a tocar outro instrumento, Paco já está conformado com a vida que leva.

A cenografia de Marcelo Marcus Fonseca e Dan Maaz é composta por estrados de camas sem colchões, com toques de arte urbana na sua estrutura, distantes um do outro, num palco coberto de terra. Nesse espaço claustrofóbico, Paco e Tonho habitam o vazio como se estivessem perdidos num universo onírico, num mundo já devastado e despojado de toda nuance ou humanidade. O texto se espelha no cenário, nas figuras maquiadas, com seus figurinos opacos de estética simbolista, criados por Sabrina Sartori.

A fria iluminação de Rodrigo Sawl, que sugere a falta de paredes, recai sobre aqueles que estão distantes, pequenos, sem portas. Nesse quadro, o jogo da atuação e os objetos essenciais constroem a narrativa clássica de Plínio Marcos, sugerindo um ambiente de estranheza, com elementos brechtianos de distanciamento crítico, sutilmente esculpidos na encenação e no trabalho corporal preciso dos atores.

A música ao vivo, conduzida por percussão e baixo elétrico, cria um “som do vazio” e induz a uma tensão crescente, que empurra os personagens rumo a seus trágicos e inevitáveis destinos. A direção musical é de André Pereira Lindenbergh (Dedeco), que comanda a percussão, enquanto Xantilee Jesus responde pelo baixo elétrico.

– São Paulo busca esconder a miséria – e Plínio procurou tirá-la de debaixo do tapete, com se jogasse uma

brincadeira de cabo de guerra, com seu humor inusitado, na pior das situações – diz o diretor Marcelo Marcus Fonseca. – “O próprio Antunes Filho considerava Dois Perdidos Numa Noite Suja a grande obra-prima do autor” – revela. Segundo o diretor, “seus diálogos essenciais, ritmados, os respiros tensos, a presença do racismo, da homofobia e da misoginia no cotidiano das personagens – naturalizados numa margem social onde o que importa é viver mais um dia – são fatores que revelam a falência humana diante do poder financeiro, que esmaga a consciência e a vontade, acima de tudo. Os valores se invertem. E, mesmo assim, são de uma beleza sonora que o grande dramaturgo orquestra, entre reações de puro reflexo humano de seus heróis abatidos”, completa.

A encenação coloca o texto em primeiro plano, antes mesmo da emoção. Trata-se de uma leitura estética da obra de Plínio, não uma mera reprodução da realidade. *“Infelizmente, a obra de Plínio Marcos é uma realidade. É na arena, no palco, que a palavra recupera seu sentido original, sua potência e seu peso. Como dizia o próprio autor: ‘Eu estou aqui pra encher o saco de quem tá achando que tá tudo muito bom’” – conclui o diretor.*

SERVIÇO

Dois Perdidos Numa Noite Suja

Até 3 de novembro

Teatro do Incêndio

Rua Treze de maio, 48, Bela Vista, São Paulo / SP

Dias/Horários: sábado, domingo e segunda, às 20h

Ingressos: R\$ 40,00 e R\$ 20,00 (meia-entrada)

Vendas online: Sympla – <https://www.sympla.com.br/evento/dois-perdidos-numa-noite-suja/3105860>

Bilheteria: 1 hora antes das sessões

Duração: 90 minutos | *Classificação:* 16 anos



Foto: Kym Kobalashi



Grupo Sutil Ato, *Danúbio*

Foto: Jéssica Lima

DONA RUTH: FESTIVAL DE TEATRO NEGRO DE SÃO PAULO realiza quarta edição este mês, com programação internacional

A quarta edição do *Dona Ruth: Festival de Teatro Negro de São Paulo (Dona Ruth: FTNsp)* vai acontecer entre os dias 17 e 26 outubro, após um hiato de três anos. A programação ocorre em espaços como Itaú Cultural, Sesc 24 de Maio, Sesc Bom Retiro, Teatro Sérgio Cardoso, Complexo Cultural Funarte SP, iBT – Instituto Brasileiro de Teatro e Casa de Francisca, com programação inteiramente gratuita e recursos de acessibilidade.

O festival homenageia, permanentemente, a atriz Ruth de Souza (1921-2019) como um gesto afetivo, dando a

este território o nome de “Dona Ruth”, por reconhecer esta mulher negra e artista como uma das atrizes mais importantes da história do teatro, cinema e teledramaturgia do Brasil.

Pela primeira vez, a programação conta com espetáculos internacionais, tendo como foco uma mirada pela “*América Ladina*”, conforme conceitua a intelectual Lélia Gonzalez, com duas obras, uma colombiana e outra cubana – ambas inéditas no Brasil. De Cuba, o grupo Ritual Cubano Teatro traz a montagem *Kid*

Chocolate, protagonizada pelo premiado ator Jorge Enrique Cabellero Elizarde, inspirada na vida do famoso boxeador cubano homônimo. Na encenação acompanhamos a saga do personagem em busca do paraíso. Da Colômbia, a Fundación Afrocolombiana Casa Tumac chega com *Atarugao Rostros Invisibles*, montagem que explora a dança contemporânea, o teatro e a música afro-colombiana da região do Pacífico para dar luz à história de seis homens negros que, ao chegarem numa metrópole, enfrentam os desafios em busca de oportunidades para as suas vidas.

Os espetáculos nacionais que compõem o Dona Ruth: FTNsp – 4ª Edição são: *Herança*, da Cia. Burlantis (Belo Horizonte/MG), que celebra os 50 anos de carreira do ícone da cultura afro-mineira Maurício Tizumba; *Terra Brasilis Top Trans Pindorâmica*, da Cia. Sacana de Teatro e Dança (São Paulo/SP), que retrata a disputa de narrativas em um Brasil paralelo, sedimentado nas vivências entre pessoas trans e travestis; *Danúbio*, do Grupo Sutil Ato (Sobradinho/DF), inédito em São Paulo, que traz para a cena a relação com o tempo por meio de um encontro lírico e de diferentes gerações; outro inédito na cidade, o *Vamos pra Costa?*, do Núcleo da Tribo (Itacaré/BA), traz a dança como ferramenta de visibilidade para os modos de organização e ações cotidianas em Itacaré; o infantil *Gotas de Saberes*, da Cia. Arteatro (Boa Vista/RR), também inédito em São Paulo, é uma obra inspirada em histórias do povo Makuxi; o circense *Na Lona de Benjamim*, do Coletivo Catappum! (São Paulo/SP), faz homenagem ao multiartista negro Benjamin de Oliveira, ao imergir na sua vida e obra; e *Samba de Muriquinho*, do Núcleo Abre Caminhos (São Paulo/SP), e faz uma roda de samba com composições autorais para crianças de todas as idades.

Além dos espetáculos nacionais e internacionais, a programação conta com atividades formativas do Quilombo Artístico-pedagógico, que totalizam quatro ações abertas ao público com inscrições prévias. Serão



De cima para baixo:

Cia. Burlantis, *Herança* | Foto: Pablo Bernardo

Cia. Sacana de Teatro e Dança, *Terra Brasilis Top Trans Pindorâmica*
Foto: Veni Barbosa

Núcleo da Tribo, *Vamos pra Costa?* | Foto: Bruno Morais

três oficinas, ministradas pelos grupos Ritual Cubano Teatro (Cuba), Casa Tumac (Colômbia) e Núcleo da Tribo (BA). E, por fim, uma residência artística, conduzida pela Cia. Arteatro (RR) e pelo Núcleo Abre Caminhos (SP), tendo como tema as infâncias indígenas e negras brasileiras, público ao qual os grupos dedicam suas criações.

Completam a programação as Giras de Conversa, com debates conduzidos pelos críticos convidados Deise de Brito e Guilherme Diniz junto a artistas presentes na programação, além de diversos lançamentos de livros. A programação ainda terá Pontos de Encontro com atrações musicais na Casa de Francisca durante os dias do evento.

Para o diretor geral e curador do *Dona Ruth: FTNsp*, Gabriel Cândido, a 4ª edição “traz outras possibilidades de olharmos para as elaborações poéticas, estéticas e éticas das cenas negras diaspóricas contemporâneas. Essa é a principal razão de ser do festival. Por isso, é uma alegria imensa fazer esse evento, retornar após três anos com uma programação tão provocante. Ganha a cultura do país, a cidade, o teatro brasileiro e, principalmente, o público.”

A curadora convidada desta edição, Soraya Martins, espera com essa programação “poder fazer pulsar um festival em que as subjetividades e estéticas são celebradas na sua multiplicidade e diferença como traço distintivo, com dias de festas, potências, criatividade, muitos encantamentos e de renovação de desejos para continuarmos recriando as formas infinitas de estar em cena e no mundo.”

O *Dona Ruth: Festival de Teatro Negro de São Paulo* é uma idealização da atriz e gestora cultural Ellen de Paula e do diretor e dramaturgo Gabriel Cândido. Suas três primeiras edições ocorreram em 2019, 2020 (online) e 2021 (híbrido). O festival ainda promoveu atividades como *100 Anos de Ruth de Souza: um sonho que se fez no tempo* (2021), lançamento do livro *Entre Mira*,



Cia Arteatro, *Gotas de Saberes*

Foto: Laryssa Gaynett



Fundación Afrocolombiana Casa Tumac, *Atarugao Rostros Invisibles*

Foto: Daniel Romero

Serafina, Rosa e Tia Neguita: a trajetória e o protagonismo de Léa Garcia, de Júlio Claudio da Silva, com participação da própria atriz e do cineasta Joelzito Araújo (2023); e a edição *Pré-Festival: compartilhamentos curatoriais* (2023). Com curadoria do idealizador Gabriel Cândido, também à frente da direção geral do evento, e da curadora convidada Soraya Martins, a quarta edição do *Dona Ruth: FTNsp* tem patrocínio do Banco Itaú por meio da Lei Rouanet, apoio do Programa Iberoescena e sua realização é em parceria com o Sesc SP.

SERVIÇO

Dona Ruth: Festival de Teatro Negro de São Paulo

De 17 a 26 de outubro

Programação completa em:

<https://donaruthftnsp.com.br/programacao-4a-edicao-2025/>

Programação gratuita.

Sessões com intérprete de Libras.

<https://donaruthftnsp.com.br/>

CHOQUE! Procurando Sinais de Vida Inteligente, em estreia nacional dia 2/10, no Teatro Copacabana Palace

A atuação solo é de Danielle Winits, com direção de Gerald Thomas

Com humor afiado e olhar crítico, a obra se estabelece como uma reflexão sobre as irracionais contradições humanas, o papel da mulher na sociedade e os dilemas da vida contemporânea. O título sugere uma busca extraterrestre, mas é, na verdade, uma metáfora para a busca de empatia, conexão e sentido no meio da confusão cotidiana da humanidade.

Escrita pela norte-americana Jane Wagner, a peça foi encenada originalmente em 1985, nos EUA, imortalizada pela atuação solo de Lily Tomlin. *Procurando Sinais de Vida Inteligente no Universo* – convertida por Thomas em *CHOQUE! Procurando Sinais de Vida Inteligente* –, consolidou-se na ocasião como um marco para o teatro, especialmente pelo modo como mescla humor, crítica social e múltiplas vozes em uma única interpretação.

Estruturada como um monólogo múltiplo, uma só atriz (Danielle Winits) interpreta diversos personagens – e, por meio dessas vozes, questiona padrões sociais, a lógica capitalista, a superficialidade da cultura de massa e os limites das relações humanas. Tudo isso por meio de observações sagazes e por vezes absurdas, que provocam tanto o riso quanto a reflexão. Mas não é só isso. Gerald Thomas adicionou ao texto original as lacunas que as décadas perdidas ou passadas teriam que preencher.

O texto equilibra ironia e compaixão com maestria. Seus diálogos são pontuados por referências pop e filosóficas – e não hesitam em abordar temas complexos com leveza e profundidade. A peça é também um exercício de metateatro – um espetáculo sobre o próprio fazer teatral e seu potencial transformador. Ao alternar rapidamente vozes e pontos de vista, desafia tanto a intérprete quanto o público, convocando uma escuta ativa e sensível.

“Interpreto algumas personagens e, entre elas, a personagem central, fio condutor do espetáculo, que, de consultora criativa de grandes empresas, acabou por enlouquecer (ou não...) e se tornou uma catadora de lixo nas ruas. A protagonista acredita que extraterrestres entraram em contato e querem descobrir, por meio dela, se ainda existem sinais de vida inteligente no universo. Ao mesmo tempo, a personagem busca compreender quem são essas pessoas e o que elas representam no mundo de hoje. A dúvida que levanta é quase um paralelo ao ‘ser ou não ser, eis a questão’. Será que ela perdeu a sanidade? Ou foi a realidade que, de tão absurda, se tornou incompreensível?” – comenta Danielle Winits.

Em resumo, *CHOQUE! Procurando Sinais de Vida Inteligente* é uma obra vibrante, multifacetada e atual. Mais do que uma peça feminista ou de crítica social, é uma reflexão espirituosa e comovente sobre o que nos torna humanos – e sobre os sinais de inteligência (afeto e empatia) que ainda podem ser encontrados entre nós.

SERVIÇO

CHOQUE! Procurando Sinais de Vida Inteligente

Estreia nacional: 2 de outubro

Temporada: até 2 de novembro

Teatro Copacabana Palace

Av. Nossa Sra. de Copacabana, 261, Copacabana,
Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: quintas, sextas e sábados, às 20h;
domingos, às 17h

Ingressos: de R\$ 210,00 a R\$ 60,00

Vendas: Online pelo site ou app da Sympla
e na bilheteria do teatro durante a temporada,
todos os dias de espetáculo 2 horas antes.

Classificação: 12 anos



PAISAGENS EM SUSPENSÃO INAUGURA CAIXA CULTURAL BELÉM

*Mostra que marca a abertura
da primeira unidade da
CAIXA Cultural da Região Norte
– no dia 9 de outubro – reúne obras
que propõem uma travessia
crítica por diferentes formas
de representar, tensionar
e imaginar as paisagens brasileiras
– naturais, humanas,
simbólicas e políticas –
em tempos de crise ambiental,
social e civilizatória*

**O AMANHÃ DEPENDE
DO QUE FAZEMOS HOJE**



Anna Bella Geiger, *Sobre nácar*
Foto: Vicente de Mello

Trabalhos de Emmanuel Nassar, Frans Krajcberg, Maria Martins, Farnese de Andrade, Xadalu Tupã Jekupé, Djanira, Adriana Varejão, Ricardo Ribenboim, Siron Franco, Heitor dos Prazeres, Daniel Senise, Portinari, Anna Bella Geiger e Eliseu Visconti, entre outros mestres das artes plásticas, compõem o conjunto de 50 obras selecionadas para a exposição, a partir dos acervos de duas importantes instituições museológicas brasileiras vinculadas ao IBRAM — Museu Nacional de Belas Artes e Museu Castro Maya.

Paisagens em Suspensão, que acontece às vésperas da COP30 na Amazônia, sugere um estado de espera, fragilidade e transformação — um tempo suspenso entre o que ainda resiste e o que ameaça desaparecer. A exposição busca não apenas expor obras, mas fazer da arte um campo sensível para imaginar formas mais generosas e conscientes de habitar o mundo.

Com curadoria de Daniela Matera Lins e Daniel Barretto, as pinturas, esculturas, gravuras, fotografias e instalações selecionadas para a mostra dialogam entre si, atravessando temas como a devastação dos territórios, a expropriação dos corpos, a memória da terra, o colapso climático e a potência de futuros ancestrais.

“Com a exposição Paisagens em Suspensão, celebramos a estreia da parceria entre o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e a Caixa Cultural, com o propósito de ampliar o acesso aos museus e a circulação do patrimônio musealizado pelo Brasil. Assim como o Rio Amazonas, território vital para o planeta, apresentamos com esta exposição a riqueza dos nossos acervos

públicos, nos expandindo como fluxo vivo de conhecimento e de pertencimento”, comemora a Presidente do Ibram, Fernanda Castro.

Organizada em cinco núcleos curatoriais, *Paisagens em Suspensão* parte da ideia de “paisagem” não apenas como representação da natureza, mas como construção histórica, política e sensível — um território em constante disputa. A curadoria propõe uma leitura da arte como ferramenta de reflexão e denúncia diante das urgências do presente, explorando temas como devastação ambiental, memória coletiva, ancestralidade e justiça climática.

OS NÚCLEOS

O Corpo da Arte — Neste segmento encontram-se obras que exploram a materialidade, o gesto e a presença física da arte como corpo sensível em diálogo com o tempo, a técnica e o suporte. Uma abordagem que en-



Marcia Thompson, *Sem título*, 2018 Foto: Vicente de Mello



Vítor Meireles, *Estudo de nuvens*

Foto: Vicente de Mello



tende a arte como organismo vivo, que não se restringe à figura humana representada, mas compreende todas as suas camadas, sejam materiais, conceituais e/ou simbólicas, como partes de uma corporeidade expandida. A corporificação da arte a partir do gesto, do suporte, da memória, do tempo, da técnica e do espaço. Obras como *"Composição abstrata"*, 1967, de Frans Krajcberg; *"Sem título"*, 2018, de Marcia Thompson; *"Estudo de nuvens"*, de Vítor Meireles; *"O avô"*, 1987-1995, de Farnese de Andrade, entre outros, encontram-se neste núcleo.

Paisagem, utopia, distopia – As obras deste segmento navegam entre a idealização e a ruína. De

Farnese de Andrade, *O avô*, 1987-1995

Foto: Vicente de Mello



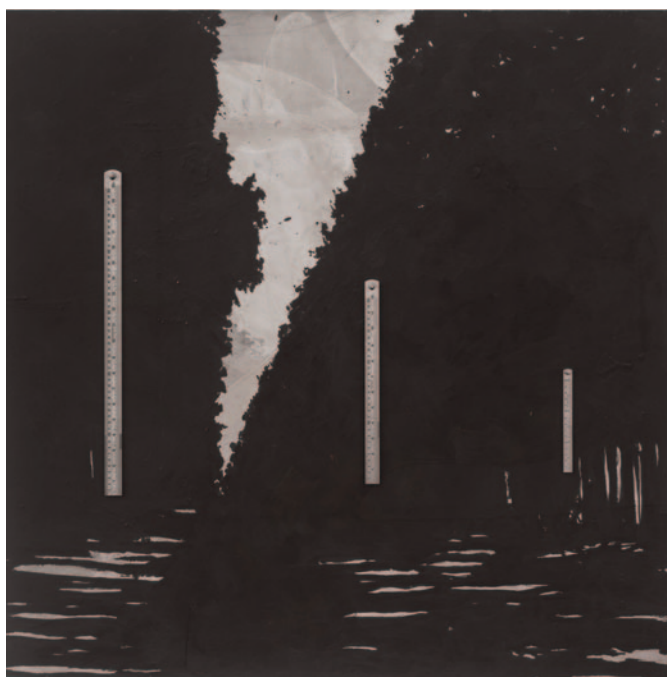
Félix Émile Taunay, *Vista de um mato virgem que se está reduzindo a carvão*, circa 1843

Foto: Vicente de Mello



Paulo Nenflídio, *Grilo Solar nº 2*

Foto: Vicente de Mello



Daniel Senise, *Sem Título*, 1998-2002,

Foto: Vicente de Mello

um lado, a visão bucólica de uma natureza utópica; de outro, a distopia da exploração ambiental e social. Confrontando a paisagem idílica dos viajantes estrangeiros no Brasil com os rastros do colapso, colocam em evidência a complexa relação entre harmonia, exploração e transformação do nosso território. Entre os trabalhos apresentados encontram-se *“Vista de um mato virgem que se está reduzindo a carvão”*, circa 1843, de Félix Émile Taunay; *“Grilo Solar nº 2”*, de Paulo Nenflídio; *“Sem Título”*, 1998-2002, de Daniel Senise e *“A Derrubada”*, circa 1897, de Pedro Weingartner.

O eclipse que está por vir – Este núcleo articula arte e denúncia, colocando em evidência os paralelos entre os processos coloniais e a



Djanira, *Mineiros de carvão, Santa Catarina*, 1974
Foto: Vicente de Mello

atual destruição dos ecossistemas e das culturas originárias. Obras como *“Mineiros de carvão, Santa Catarina”*, 1974, de Djanira; *“Amazônia”*, 2022, de Ricardo Ribenboim; *“Café”*, 1935, de Candido Portinari – capa desta edição; e *“Ruína de charque”*, s/d, de Adriana Varejão são alguns dos exemplos.



Ricardo Ribenboim, *Amazônia*, 2022
Foto: Vicente de Mello

Imaginar o Porvir – Este núcleo propõe uma virada: pensar o porvir não como invenção do novo, mas como escuta do que foi silenciado. O futuro não está adiante – ele pulsa atrás, ao lado, embaixo: nas memórias enterradas, nas cosmologias ancestrais, nos saberes que resistiram ao apagamento. Imaginar o porvir a partir do



Xadalu Tupã Jekupé, *Ivy Tenondé*, 2022
Foto: Vicente de Mello



Siron Franco, *Rupestre*, 1998
Foto: Vicente de Mello



Maria Martins, *Composição*, 1940 Foto: Vicente de Mello



Raimundo Cela, *Consertando a rede*, 1947 Foto: Vicente de Mello

futuro ancestral é acolher outras formas de tempo, espaço e existência. Aqui encontram-se as obras “Ivy Tenondé”, 2022, de Xadalu Tupã Jekupé; “*Consertando a rede*”, 1947, de Raimundo Cela; “*Rupestre*”, 1998, de Siron Franco; “*Composição*”, 1940, de Maria Martins, entre outros.

Aprender a Viver com os Vivos – Em tempos de destruição ambiental e injustiça social, este núcleo afirma o direito à vida em sua forma mais ampla: como direito à diversidade, à dignidade, à permanência, ao afeto e aos sonhos. As obras selecionadas evocam o desejo de

Leonilson, *Sem título*, 1999 Foto: Vicente de Mello



Cildo Meireles, *Zero Cruzeiro*, 1974-1978 Foto: Vicente de Mello

celebração, a necessidade de abrigo, um lugar para reconhecer os vínculos que nos unem, para imaginar alianças entre espécies e culturas, e para cultivar modos mais generosos e conscientes de habitar o mundo. “*Carnaval de Subúrbio*”, 1962, de Di Cavalcanti; “*Sem título*”, 1999, de Leonilson; “*Capitães de Areia, Ilha de Itaparica*”, 2008, de Andrea Fiamenghi; “*Praça XV de Novembro*”, 1966, de Heitor dos Prazeres; “*Sobre nácar*”, de Anna Bella Geiger, entre outros, estão neste segmento.

SERVIÇO

Paisagens em Suspensão

Abertura: 9 de outubro, às 11h

Visitação: até 18 de janeiro de 2026

CAIXA Cultural Belém

Av. Mal. Hermes, S/N, Armazém 6, Porto Futuro II,
Umarizal, Belém / PA

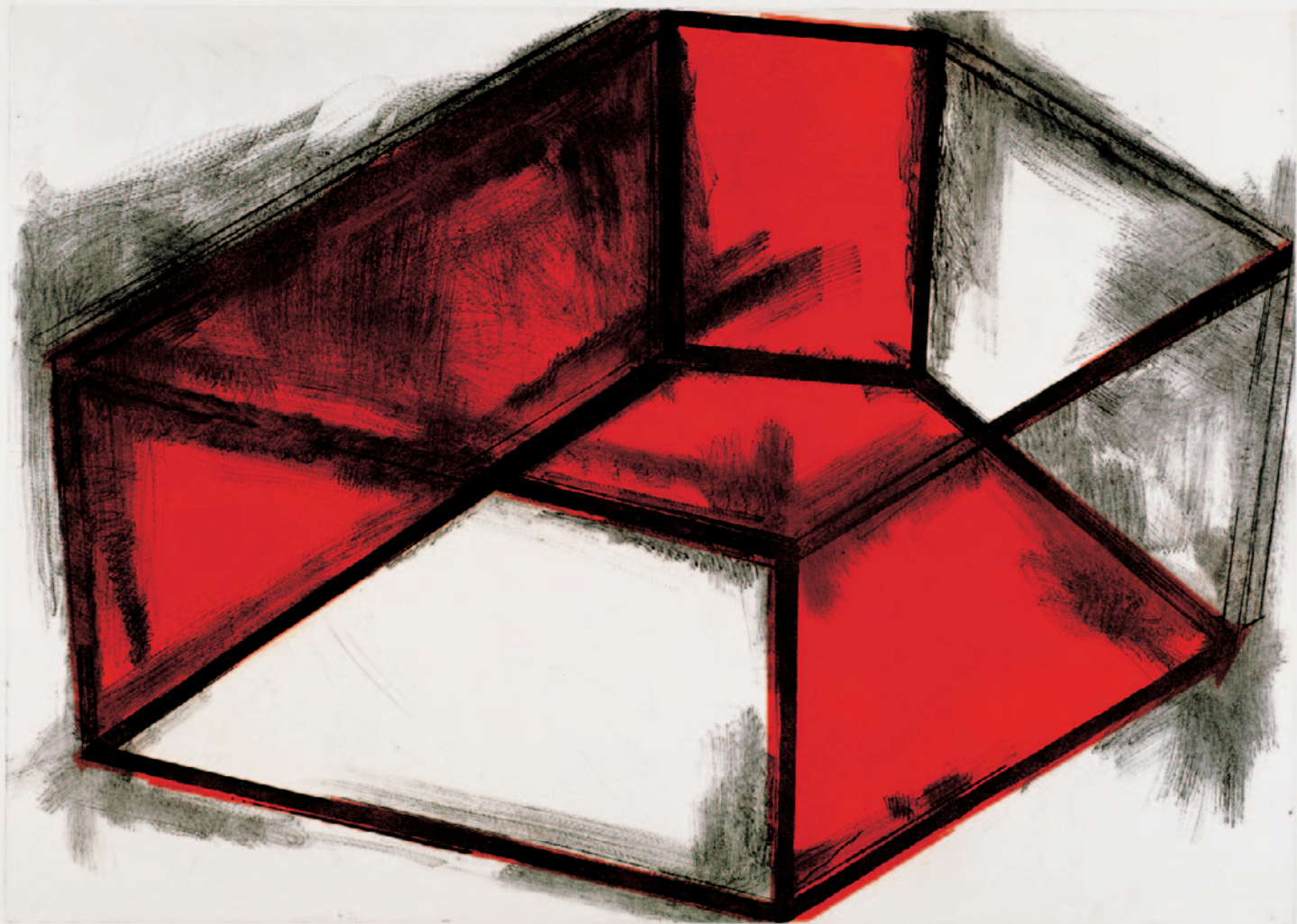
Dias/Horários: terça a domingo, das 11h às 22h

Entrada gratuita

Emiliano Di Cavalcanti, *Carnaval de Subúrbio*, 1962

Foto: Vicente de Mello





Gravura, *Sem título*, 2001

Foto: Divulgação

José Pedro Croft: reflexos, enclaves, desvios, no CCBB RJ

*Com curadoria de Luiz Camillo Osorio, exposição apresenta 170 obras do artista português,
inclusive uma instalação inédita na rotunda do CCBB,
que mexerá com os sentidos do espectador por meio de ilusão de ótica*

A mostra – que ocupa todo o primeiro andar e a rotunda do CCBB RJ – é composta principalmente por gravuras e desenhos. Apresenta também esculturas e instalações, que ampliam o entendimento sobre o conjunto da obra do artista e sobre os temas que vêm trabalhando ao longo de sua trajetória – como o corpo, a escala e a arquitetura. Esta é uma oportunidade para que o público tenha contato com a obra do artista, que já realizou exposições individuais em importantes instituições: no Pavilhão Português, na 57ª Bienal de Veneza, Itália (2017); na Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra, Portugal (2020); na Capela do Morumbi, em São Paulo (2015); no Paço Imperial (2015) e no MAM Rio (2006), entre muitas outras.

Na rotunda, o público já se depara uma instalação inédita, criada especialmente para a mostra – na qual, através de um jogo de espelhos, é possível ver partes do prédio histórico do CCBB RJ refletido, como um grande quebra-cabeça. Quando se olha de cima, cria-se um espaço negativo, com a imagem do prédio invertida – o que dá a impressão de que a claraboia está no fundo de um grande poço, com 40 metros de profundidade. A instalação ativa o ambiente e integra espaço e obra – assim como acontece ao longo de toda a exposição.



“José Pedro Croft é um dos principais artistas portugueses da geração que se formou logo após a Revolução dos Cravos (1974). Ou seja, teve sua trajetória artística toda vinculada aos ideais de liberdade, cosmopolitismo e experimentação. Trata-se de uma poética visual que se afirma no enfrentamento da própria materialidade das linguagens plásticas: a linha, o plano, a cor, o espaço – sempre levando em conta sua expansão junto à arquitetura e ao corpo (inerente aos gestos do artista e à percepção do espectador)” – conta o curador, Luiz Camillo Osorio.

A exposição é composta a partir da potência plástica das gravuras e dos desenhos, que se articulam com a vertigem espacial das esculturas, com seus vazios e espelhos. As gravuras, suporte com o qual o artista trabalha desde a década de 1990, ocupam a maior parte da exposição. Entre elas há obras em grande escala, com tamanhos que chegam a 140 x 243 cm. *“A gravura é um trabalho de grande ciência física e artesanal, com muito rigor e entrega. Não é algo secundário. Para mim, é uma âncora do meu trabalho. Há coisas que fiz em gravura que vão me dar soluções para o meu trabalho em escultura”* – afirma o artista. Diversas séries, de anos distintos, sendo muitas delas feitas sobre a mesma chapa de metal, aguçam a percepção do público. *“Ver não é reconhecer. As muitas variações no interior das séries gráficas conduzem o olhar para dentro do processo em que repetição e diferença se potencializam. A atenção para o detalhe é uma convocação*

Instalação na rotunda do CCBB (simulação)
Foto: Divulgação

política, em uma época de dispersão interessada” – diz o curador.

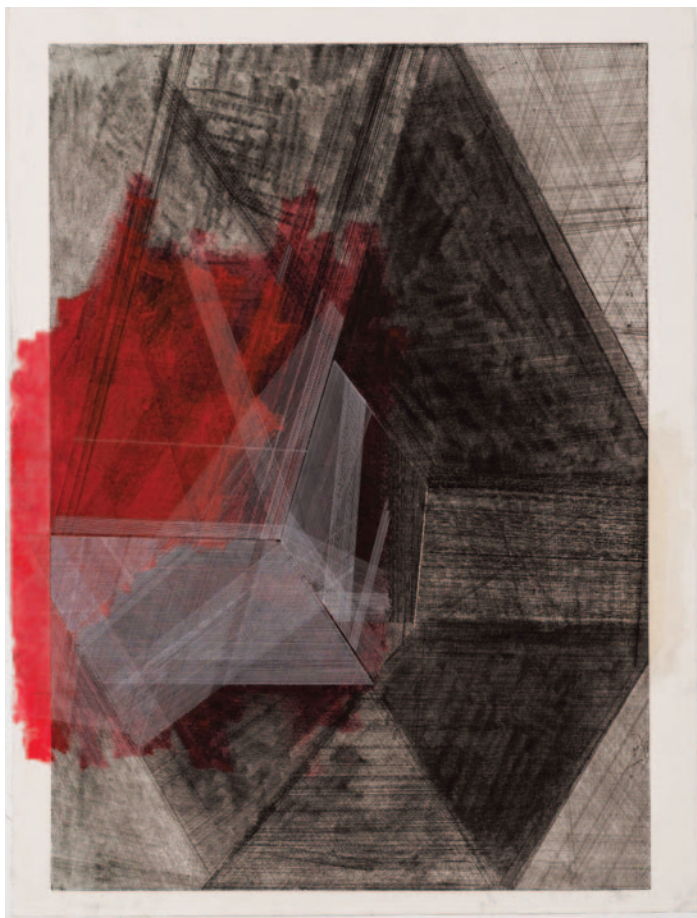
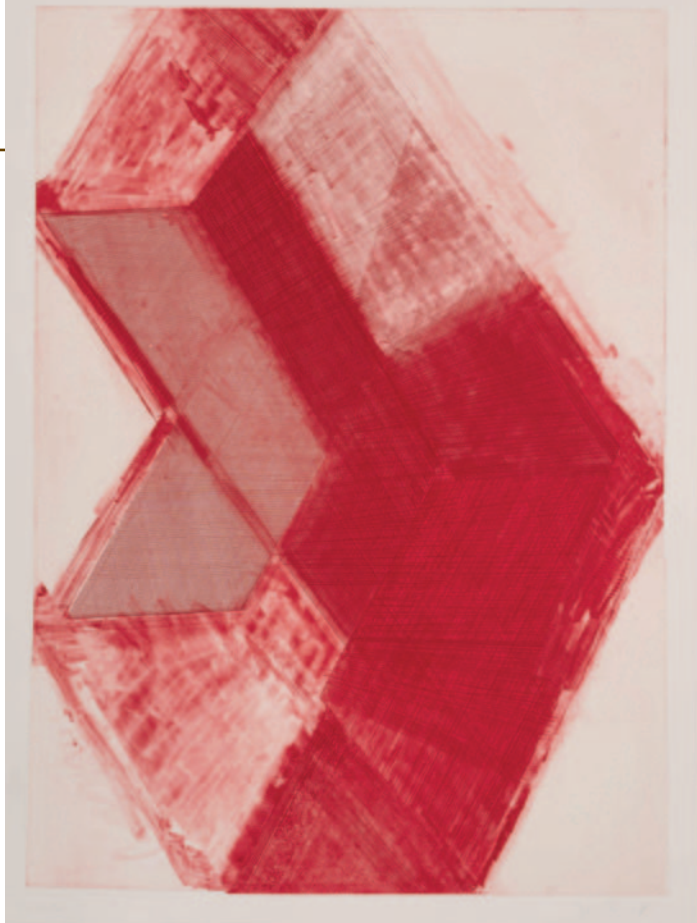
A gravura é tão importante na obra do artista que muitos desenhos apresentados na mostra foram feitos sobre as provas das gravuras. *“Eu as uso como uma memória e desenho por cima, com linhas de nanquim super finas, de 0,25 milímetros cada, criando volumes. Faço os desenhos à mão, trazendo esse mundo de imagens de pixels para a nossa realidade, que é física ainda. É uma maneira de resistir à velocidade de estarmos sempre ligados a um excesso de estímulos” – ressalta Croft.*

Fazem parte da mostra, também, seis esculturas, das quais quatro são inéditas e foram criadas especialmente para a exposição. Todas foram feitas em ferro, espelho e vidro. *“Há uma articulação interna entre o enfrentamento exaustivo da chapa de metal das gravuras, com os deslocamentos ópticos e os desvios insinuantes de suas esculturas. O metal, o vidro, os espelhos, a linha, a cor, a memória gráfica, as sobreposições, a instabilidade, tudo isso reverbera entre as gravuras, os desenhos e as esculturas” – revela o curador.*

O PERCURSO DA EXPOSIÇÃO

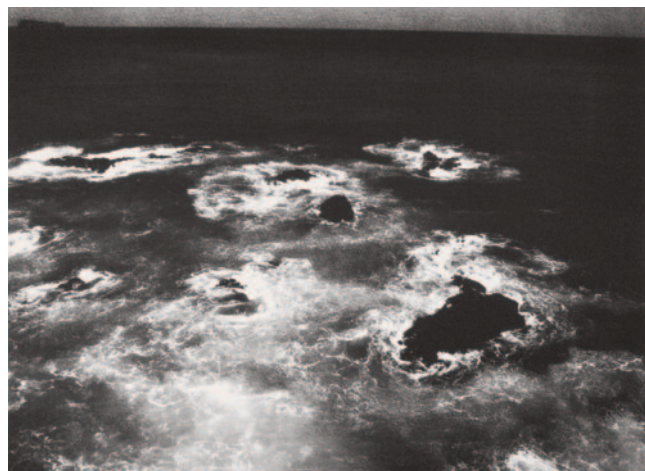
A mostra está dividida em conjuntos de imagens, que foram escolhidas em função da arquitetura. Na primeira sala está uma escultura inédita, medindo

De cima para baixo:
Gravura, *Sem título*, 2015;
Desenho, *Sem título*, 2015
Fotos: Divulgação



4,50 x 2,20 x 1,70m. “É uma grande forma geométrica, com muitos mosaicos e triângulos; um diamante”, afirma o artista. Nesta mesma sala estão as primeiras gravuras feitas por Croft em Barcelona, em tons de preto, que se relacionam com o ferro da escultura, e em vermelho, dialogando com os vidros e espelhos. “Os pretos são como um raciocínio analítico; como se eu estivesse separando os segmentos e reconstruindo as estruturas de ferro. Os vermelhos são o pensamento sintético e abstrato” – pontua o artista.

Para a sala seguinte, Croft criou uma escultura que conduz o visitante a seguir o percurso. “É uma espécie de



biombo, uma peça que mexe com a arquitetura, direcionando os visitantes”, conta.

No cofre, há pequenas gravuras monocromáticas e fotogravuras que ilustraram o livro “*Los Trabajos de Persiles y Sigismunda*” (2013): a primeira edição em português do último livro escrito por Miguel de Cervantes (1547-1616), antes de morrer.

Na maior sala da exposição há uma escultura composta por duas caixas de vidro: uma com uma peça de gesso no interior e a outra com um espelho. “São dois monumentos, como se fosse uma urna. Cria-se um espaço precioso, como uma caixa de jóias, pois não temos acesso a ele” – conta o artista. Neste espaço também estão gravuras feitas dez anos depois das que estão na primeira sala, a partir das mesmas chapas que, anos depois deram origem a outra série, que também está neste mesmo espaço. “São obras que trazem a memória do tempo. É possível reconhecer as imagens que se ligam a cada uma das gravuras. A arte é como se fosse a ponta de um iceberg, cuja maior parte está escondida; e essa ponta arrasta tudo que está por trás. Isso é que é tão fascinante. Não é o que lá está, mas o que ela traz consigo” – afirma Croft.

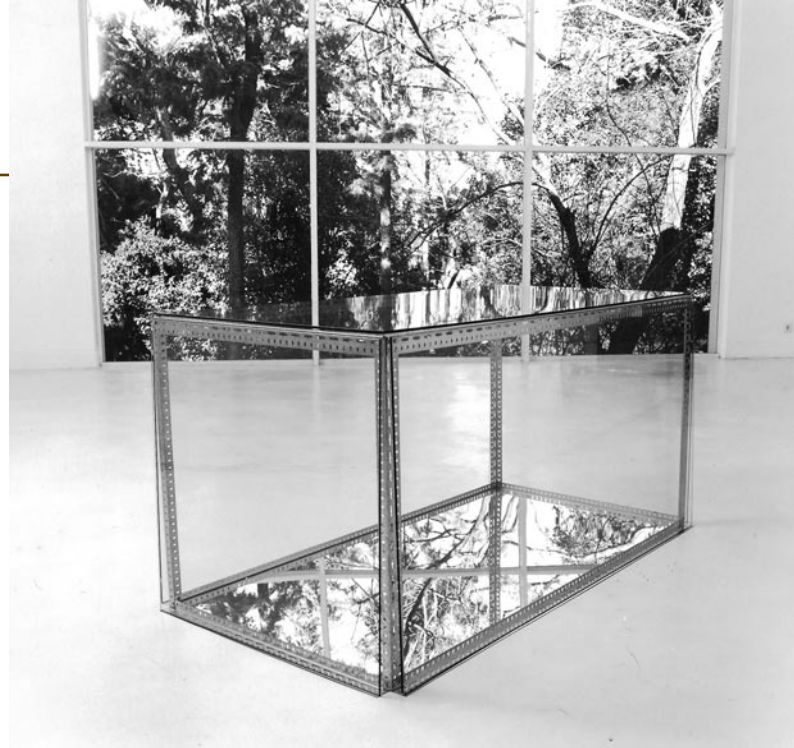
Ao seguir o percurso, chega-se a uma sala menor, onde há uma escultura de parede, com espelho; e também obras monocromáticas, compostas por séries azuis e vermelhas. “Quase não se pode ver o que está por

De cima para baixo:
Fotogravura, *Livro Miguel de Cervantes*, 2013;
Gravura, *Livro Miguel de Cervantes*, 2013
Fotos: Divulgação



Escultura, 2019

Foto: Divulgação

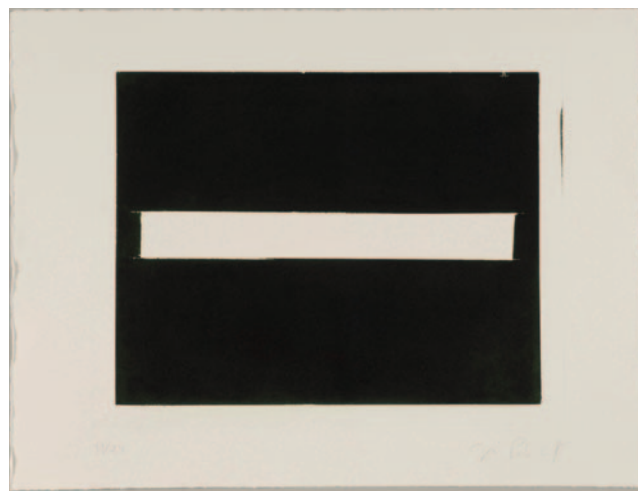
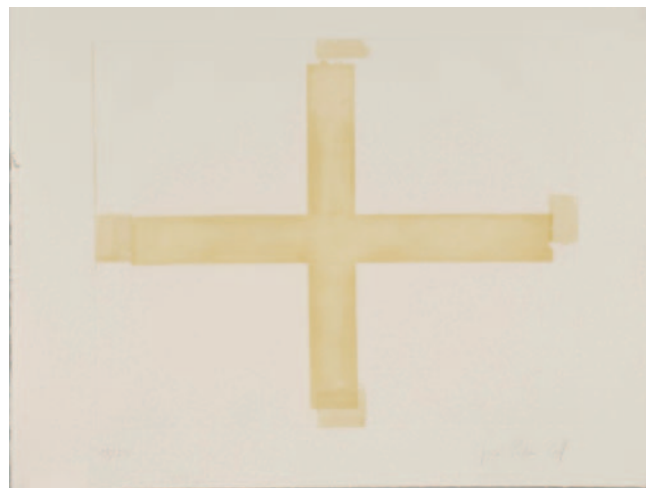


Escultura, *Sem título*, 1999

Foto: Divulgação

baixo; são monocromias muito poderosas, mas vou trabalhando com lixas e revelando, gravura a gravura, o desenho que estava por baixo” – conta o artista.

Na sala seguinte há outra escultura de parede e duas séries de gravuras: uma composta por formas geométricas, inspiradas no construtivismo russo e no minimalismo americano, com cruzeiros e retângulos; e outra em tons azuis. São estudos sobre uma mesma imagem, que criam uma tensão entre a rigidez da estrutura e os limites laterais. A repetição de uma mesma imagem também está na sala seguinte, no conjunto de gravuras de 2017 e 2018, onde há também uma escultura feita com uma grade de metal, presa a dois espelhos na parede. Ao se aproximar, ao invés de uma chapa, o espectador vê um cubo, criado a partir do jogo entre os espelhos.



Ambas:
Gravuras, *Sem título*, 2002;
Fotos: Divulgação

Uma grande escultura com mais de dois metros de altura está na sala seguinte, junto a gravuras de 2021 e 2022, que trazem formas circulares. Neste mesmo espaço também estão desenhos em grandes dimensões, com tamanhos que chegam a 250 x 328 cm, feitos com nanquim de 0,25mm.

Na última sala estão desenhos grandes, com volumes e recortes. *“São obras que trazem o gesto da escultura, nos quais levo os cortes para dentro do campo do desenho”*, detalha o artista. Neste mesmo espaço há uma série de gravuras monocromáticas pretas, além de provas de estado de gravuras, nas quais pode-se perceber os diversos estágios pelos quais a gravura passa.

Próximo à saída da exposição, estão duas colunas de espelhos e vidro, que funcionam como um portal – que deve ser atravessado pelo público, ao ir embora.

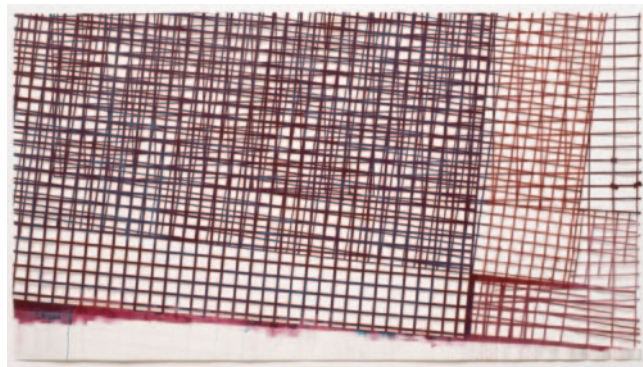
SOBRE O ARTISTA

José Pedro Croft nasceu no Porto em 1957; vive e trabalha em Lisboa. Estudou pintura na ESBAL e escultura com João Cutileiro. Sua obra transita sem hierarquias entre escultura, desenho e gravura.

Além de várias exposições individuais em Portugal e em outros países, o artista representou Portugal na 57ª Bienal de Veneza e participou da Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra. No Brasil, expôs suas obras na Pinacoteca de São Paulo, na Capela do Morumbi, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no Museu de Arte da Pampulha, em Belo Horizonte.

Possui obras em importantes coleções: Museo de Arte

Contemporáneo Helga de Alvear, Espanha; Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian e Museu de Serralves, Portugal; Coleção de Arte Contemporânea do Estado, Portugal; Fundació la Caixa e Fundació Banc Sabadell, Espanha; Caixa Geral de Depósitos, Portugal; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Espanha; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Brasil; Pinacoteca de São Paulo, Brasil; Fundación Caja Madrid, Espanha; Centre Pompidou, França; Jorge M. Pérez Collection, Estados Unidos da América e muitas outras.



Desenho, *Sem título*, 2012

Fotos: Divulgação

SERVIÇO

José Pedro Croft: reflexos, enclaves, desvios

Até 17 de novembro

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro
Rotunda e 1º andar

Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3808-2020 | ccbbrio@bb.com.br

Dias/Horários: quarta a segunda, das 9h às 20h.

Fechado às terças-feiras.

Classificação indicativa: livre | Entrada gratuita

Ingressos disponíveis na bilheteria física ou pelo site do CCBB – bb.com.br/cultura

Mais informações em bb.com.br/cultura

Atenção: domingos, das 8h às 9h – horário de atendimento exclusivo para visitação de pessoas com deficiências intelectuais e/ou mentais e seus acompanhantes, conforme determinação legal (Lei Municipal nº 6.278/2017).



Autorretrato com Saskia, 1636

Foto: Divulgação

REMBRANDT, O MESTRE DA LUZ E DA SOMBRA

Mostra inédita no Centro Cultural dos Correios RJ

*Exposição revela traço inconfundível do mestre do claro-escuro,
em gravuras carregadas de intensidade e emoção*

As emoções humanas se revelam nos rostos de personagens bíblicos, crianças, idosos, mendigos, parentes e figuras anônimas. Comum a todos está o traço inconfundível do mestre do claro-escuro. O Rio recebe, no Centro Cultural dos Correios, exposição inédita com 69 gravuras originais do holandês Rembrandt van Rijn (1606-1669), considerado um dos maiores artistas de todos os tempos. A mostra *Rembrandt – O mestre da luz e da sombra* fica em cartaz até 8 de novembro no Centro Cultural dos Correios, com entrada franca. Depois segue para Belo Horizonte e Vitória.

O público carioca pode conferir obras como *Autorretrato com Saskia* (1636), *A Descida da Cruz* (1633), *Ressurreição de Lázaro* (1632), *O Jogador de Cartas* (1641), *O Manto de José Trazido a Jacó* (1633), *A Fuga para o Egito* (1633) e *Cristo Expulsando os Vendilhões do Templo* (1635).

Nas gravuras, o artista usou principalmente a água-forte, técnica que consiste em desenhar sobre uma placa de cobre coberta de tinta, que depois é exposta ao ácido para criar as linhas desejadas.

Rembrandt revolucionou a arte ao combinar uma técnica impecável com a sensibilidade única para captar a psicologia e a humanidade de seus personagens. Combinou a água-forte à ponta-seca, criando obras de riqueza e profundidade incomparáveis. Suas estampas não são meras ilustrações: são espaços de experimentação, nos quais a matriz é retrabalhada, alterada e impressa em múltiplas camadas, o que permite acompanhar o inquieto processo criativo do artista.



A Crucificação, 1641

Foto: Divulgação

Ao longo de sua carreira, Rembrandt deixou mais de 300 pinturas, 300 gravuras e aproximadamente 2 mil desenhos – entre autorretratos, paisagens, retratos coletivos e cenas bíblicas. O uso inovador da luz e da sombra – a técnica chamada *chiaroscuro* – influenciou não apenas seus contemporâneos, mas também movimentos artísticos posteriores, desde o Impressionismo até o cinema moderno.



A Ressurreição de Lázaro, 1632

Foto: Divulgação

Em cada obra, o artista investiga a emoção interior, os laços espirituais e o mistério da experiência humana. Sua maestria no uso da luz e da sombra confere às águas-fortes uma intensidade dramática que as torna imediatamente reconhecíveis.

“O que torna Rembrandt atemporal é a capacidade de capturar a alma humana. Suas obras traduzem emoções e dilemas universais, como dor, fé, amor, envelhecimento e esperança. Olhar para uma gravura sua é atravessar os séculos e ainda encontrar relevância,

humanidade e verdade” – explica Luca Baroni, curador da mostra e diretor da Rede dos Museus da Região Marche Nord, na Itália.

Rembrandt – O mestre da luz e da sombra chega ao Brasil por intermédio da Premium Comunicação Integrada de Marketing, empresa responsável pela realização de sete mostras de arte no país, entre as quais *Leonardo Da Vinci* e *Picasso*. *“Apreciar uma gravura original de Rembrandt é estar diante da história da humanidade. É viver uma experiência que antes era privilégio de quem visitava museus na Europa. A presença dele no Brasil é, antes de tudo, um gesto simbólico. Num país marcado por polarizações e excesso de ruído, sua arte convida à escuta, à introspecção e ao encontro com o que realmente importa”* – afirma Álvaro Moura, diretor da Premium.

A exposição no Centro Cultural dos Correios também é marcada pela acessibilidade. Além de recursos como legendas, tradução em libras e descrição das postagens nas redes sociais, *Rembrandt – O mestre da luz e da sombra* conta com placas em Braille nos locais das exposições e um autorretrato em 3D do artista com recurso tátil.

A RELEVÂNCIA DE REMBRANDT

Nascido em Leiden, em 1606, Rembrandt é considerado um expoente da era de ouro holandesa. Desde cedo destacou-se como pintor e gravurista, alcançando reconhecimento em Amsterdã durante o período do Barroco. De família humilde, era o quinto filho do dono de um moinho à beira do rio Reno (Rijn). O amor pelo

rio fez seu pai incorporá-lo ao próprio nome, passando a assinar Harmen Gerritz van Rijn.

Todos na casa moíam grãos, mas Rembrandt gostava de pintar e queria ir para a escola. Aos 7 anos ingressou na Escola Latina de Leiden. Com muito sacrifício, seu pai o matriculou na Universidade de Leiden, mas só conseguiu mantê-lo durante nove meses.

Ao deixar a universidade, Rembrandt ingressou no ateliê do pintor Jacob Isaaksz, que lhe ensinou a técnica, o preparo das tintas, a montagem das telas e a disciplina do desenho. Em 1623, aconselhado pelo professor, foi para Amsterdã, onde estudou com o pintor romanista Pieter Lastman. Em 1627, Rembrandt voltou para Leiden e instalou seu próprio ateliê, com seu amigo e também pintor Jan Lievens. Nessa época, recebeu várias encomendas particulares.

Em 1631, após a morte do pai, resolveu instalar-se em Amsterdã. Um ano depois já era famoso, um dos pintores mais caros e procurados da cidade. Rembrandt retratava os ricos e bem-sucedidos burgueses, pois era moda enfeitar as paredes com o próprio retrato. Em 1632, pintou um dos seus quadros mais famosos: *A Lição de Anatomia do Doutor Tulp* (1632). O sucesso da obra provocou dezenas de encomendas de retratos em grupo.

Com riqueza de detalhes, grande expressividade e forte apelo dramático, Rembrandt desenvolveu um estilo singular. Influenciado inicialmente por Caravaggio, fez uso de uma técnica refinada, retratando cenas religiosas, cotidianas e, ainda, temas mitológicos e algumas pai-

sagens. Em parte de seu trabalho, é notório o uso de cores frias; enquanto em outros, Rembrandt optou por usar cores fortes e vibrantes. Além disso, uma de suas técnicas de pintura estava no intenso jogo de luz e sombras, característico do estilo barroco.

Rembrandt faleceu em outubro de 1669, aos 63 anos, em Amsterdã, e foi enterrado num túmulo desconhecido. Contudo, o reconhecimento do seu gênio artístico foi recuperado a partir do século XIX, quando foi consolidado como um dos maiores artistas de todos os tempos.



O Jogador de Cartas, 1641

Foto: Divulgação

SERVIÇO

Rembrandt – O mestre da luz e da sombra

Até 8 de novembro

Centro Cultural dos Correios, Rio de Janeiro

Rua Visconde de Itaboraí, 2, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a sábado, das 12h às 19h

Entrada gratuita

“PINTURAS
NÔMADES”,
DE
BEATRIZ
MILHAZES

*Exposição inédita
revela a dimensão
arquitetônica da obra
de Milhazes,
com reconstituições
de projetos realizados
pela artista carioca
em instituições
e espaços públicos
de quatro continentes*

Lampião, 2013-2014
Foto: Pepe Schettino



Pink Sunshine, Ópera de Viena, 2021

Foto: Divulgação



Peace and Love, Projeto Platform for Art Gloucester Road Station, London Underground Londres, Reino Unido, 2005

Foto: Divulgação

Sob a curadoria de Lauro Cavalcanti, a mostra apresenta, pela primeira vez no país, a reprodução de projetos arquitetônicos desenvolvidos pela artista em quatro continentes: Europa, América do Norte, América do Sul e Ásia. A individual celebra duas décadas da atuação de Milhazes no campo das instalações pictóricas em espaços arquitetônicos e institucionais. A exposição inclui também pinturas de grande formato, exibidas na última Bienal de Veneza e uma tapeçaria inédita.

Produzida pela Casa Roberto Marinho, *Pinturas Nômade*s constitui um panorama único: reúne interven-

ções *site-specific*, realizadas na Ópera de Viena, na Tate Modern, em Londres, na loja Selfridges, em Manchester, no metrô de Londres, na Fundação Cartier, em Paris, no Museu de Arte Contemporânea de Tóquio, no Long Museum, em Xangai e na Fundação Gulbenkian, em Lisboa – entre outras permanentes, como o projeto Art House, na Ilha de Inujima, no Japão, e no Hospital Presbiteriano de Nova Iorque. Esses projetos, que formam o núcleo central da mostra, são apresentados em maquetes, estudos e painéis inéditos no Brasil, que permitem ao público uma rara imersão na dimensão arquitetônica da obra de Beatriz.

Yellow Flower Dream, Inujima Art House Project Ilha de Inujima, Japão, 2017-2019

Foto: Divulgação



De acordo com o curador, estas intervenções de Milhazes, realizadas entre 2004 e 2023, consolidam uma pesquisa visual em diálogo com superfícies arquitetônicas. Ao utilizar principalmente vinil colorido, pintura mural e cerâmica, a artista desenvolve composições que exploram luz, cor e transparência, estabelecendo relações entre interior e exterior, opacidade e translucidez, desenho e arquitetura.

Em projetos como *Gávea* (Selfridges & Co., Manchester, Inglaterra, 2004), *Guanabara* (Tate Modern, Londres, 2005), *Peace and Love* (Estação Gloucester Road, Londres, 2005), *O Esplendor I e II* (Long Museum, Xangai, 2021 e Turner Contemporary, Margate, Reino Unido, 2023), Milhazes transforma fachadas, janelas e espaços de circulação em experiências sensoriais marcadas por formas orgânicas, ritmos visuais e atmosferas poéticas.

“Esses trabalhos, apresentados em instituições e espaços como hospitais, metrô e edifícios residenciais, conjugam arte e sua relação com a questão social, de sustentabilidade, e com o contexto urbano, de forma sensível. Ao inserir elementos como mandalas, listras, elipses ou círculos em superfícies envidraçadas ou em estruturas curvas, as obras introduzem novas camadas de significado aos ambientes, evocando paisagens abstratas, referências culturais e memórias visuais. Em cada intervenção, Milhazes amplia a experiência do espaço – e propõe um encontro entre pintura, arquitetura e contemplação” – observa Cavalcanti.



De cima para baixo:
A mosca, 2010/2012 | Foto: Manuel Águas & Pepe Schettino;
O céu, as estrelas e o bailado, 2023 | Foto: Pepe Schettino;
Tapeçaria Dance in Yellow, 2020 | Foto: Divulgação



Noite de Verão, 2006-2007

Foto: Durham Press

A pintura é o tronco principal do trabalho de Beatriz e pontua, poeticamente, o percurso pela Casa, como no caso das obras *Mocotó* (2007), *A Mosca* (2010/2012) e *Lampião* (2013/2014).

Beatriz tem, desde o início de sua prática, uma longa relação com a observação das variadas representações da natureza e da vida cotidiana – encontradas na arquitetura, na arte popular, na arte indígena, na arte decorativa e no universo da arte aplicada e na História da Arte. Desta forma, a mostra apresenta ao público carioca uma sala dedicada a seu projeto especial para a 60ª Bienal de Arte de Veneza, em 2024, desenvolvido para o Pavilhão das Artes Aplicadas – uma colaboração entre o Victoria and Albert Museum (V&A), de Londres, e a Bienal. As pinturas *O céu, as estrelas e o bailado* (2023) e *Meia-noite, Meio-dia* (2023) são exibidas com a mesa de tecidos do acervo pessoal de Milhazes, de



Snake Dreaming, 2013

Foto: Durham Press

diferentes culturas e regiões ao redor do mundo, referência para o desenvolvimento das obras. Completa este espaço a tapeçaria inédita *Dance in Yellow* (2020).



Painel Waving Flowers, 2023

Foto: Mario Grisolli

Uma das salas é dedicada a um conjunto de 11 gravuras. De acordo com a artista, *“é a técnica que mais se aproxima plasticamente do resultado dos painéis e murais”*; uma conversa entre a arte gráfica, como ponto de diálogo entre as duas práticas.

A exposição conta também com apresentações da Marcia Milhazes Cia. de Dança, que apresentará criações recentes, concebidas em diálogo direto com o universo da mostra. A recorrente colaboração entre as irmãs Milhazes nas exposições de Beatriz, no Brasil e no exterior, é marcada por encontros que articulam composições visuais e propostas coreográficas.

O PERCURSO EXPOSITIVO E UM PROJETO CONCEBIDO PARA A CASA ROBERTO MARINHO

A escultura suspensa *Mariola* (2010–2015), que recebe os visitantes na primeira sala, transporta elementos

recorrentes da linguagem visual de Milhazes para o tridimensional – e ganha destaque ao estabelecer diálogo com o espaço expositivo.

Ainda no térreo da Casa, o público se encontra com a instalação *Corumbê*, concebida especialmente para a exposição, com vinis translúcidos aplicados nas cinco janelas em arco do salão principal. A obra tece conexões afetivas e estéticas com a arquitetura da antiga residência, evocando referências a Djanira da Motta e Silva e às tradições populares de Paraty, cidade de origem materna de Milhazes.

A artista conta que, no início do processo de concepção da mostra, ao chegar na Casa Roberto Marinho para uma reunião com Cavalcanti, *“o grande salão térreo estava vazio e as janelas emolduravam o magnífico jardim de Burle Marx. Fui seduzida! Imediatamente me*

surgiu a imagem de um desenho vitral dialogando com a natureza externa e poeticamente envolvendo o espaço interno. Algo para contemplar, conviver, refletir”, relembra Beatriz. “No desenho para as janelas em arco, quase capelas, a lembrança de Djanira se fez presente. Sua obra sempre foi uma referência para minha pintura e a Coleção Roberto Marinho tem peças masters desta artista. Minha família materna é originária de Paraty, onde a tradição de festas religiosas é uma força, e onde

passsei boa parte de minha infância e adolescência. Corumbê conta uma bela história, uma história carioca.”

No mesmo espaço está instalado o painel *Waving Flowers*, pintura em escala real desenvolvida originalmente para a Galeria Max Hetzler, em Berlim. Trabalhada em cinco tons de cinza, a obra surpreende pela força plástica dentro de uma paleta monocromática, dialogando com o piso de losangos bicolores do salão da Casa Roberto

Corumbê, 2025

Foto: Mario Grisolli



Marinho e com os vitrais de *Corumbê*. Na sala seguinte, três pinturas de Djanira, pertencentes à Coleção Roberto Marinho, reforçam o elo entre duas gerações de mulheres centrais na arte brasileira.

A mostra se desenvolve em todo o piso superior, em núcleos poéticos de contemplação, revelando o papel da cor, da ornamentação e da estrutura visual na construção de uma linguagem singular. Segundo Lauro Cavalcanti, a disposição das obras “*toca o sublime que a arte, por vezes, alcança*”.

SOBRE A ARTISTA

Beatriz Milhazes, 1960, vive e trabalha no Rio de Janeiro. É formada em Comunicação Social. Ingressou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage em 1980, onde estudou até 1983. Como professora de pintura e coordenadora de projetos educacionais, lecionou na mesma instituição de 1986 até 1996.

Milhazes é considerada uma das mais importantes artistas brasileiras e internacionais. Participou do *Carnegie International* (1995); Bienal de Sydney (1998); *Urgent Paintings*, Museu de Arte Moderna de Paris (2002); Bienal de São Paulo (1998, 2004); Bienal de Shangai (2006) e Bienal de Veneza (2003, 2024).

Seu trabalho tem sido objeto de exposições individuais e retrospectivas em importantes instituições, como Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo (2008); Fondation Cartier, Paris (2009); Fondation Beyeler, Basel (2011); Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2012); MALBA – Museo de Arte Latinoamericano, Buenos

Aires (2012); Paço Imperial, Rio de Janeiro (2013), PAMM – Pérez Art Museum, Miami (2014/2015), MASP, São Paulo (2020), Long Museum, Shanghai (2021) e Guggenheim Museum, New York (2025), entre outros.

Suas obras integram coleções de importantes museus e instituições, como Metropolitan Museum of Art, New York; MoMA – The Museum of Modern Art, New York; Solomon R. Guggenheim Museum, New York; San Francisco; MNBA – Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museum of Contemporary Art, Tokyo, Centre Georges Pompidou, Paris; e Tate Modern, entre outros.

SERVIÇO

Pinturas Nômades, de Beatriz Milhazes

Até março de 2026

Instituto Casa Roberto Marinho

Rua Cosme Velho, nº 1105, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3298-9449

Dias/Horários: terça a domingo, das 12h às 18h

(Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h)

Ingressos à venda exclusivamente na bilheteria:

R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia entrada)

Às quartas-feiras, a entrada é franca para todos os públicos.

Aos domingos, “ingresso família” a R\$10 para grupos de quatro pessoas.



Flower Swing,
2019

Foto:
Durham Press

BREU, de VICENTE DE MELLO, no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), RJ

*O Museu Nacional d Belas Artes apresenta a primeira exposição temporária
no âmbito do programa "Um olhar pela fechadura",
que tem o objetivo de compartilhar com o público sua requalificação física e conceitual*



Lutadores

A exposição *Breu*, sob a curadoria de Aldones Nino, é a primeira individual de Vicente de Mello no Museu Nacional de Belas Artes – e reabre, temporariamente, a Galeria de Moldagens 2.

A mostra oferece uma experiência singular, que combina fotografia contemporânea e patrimônio histórico. O público terá contato com oito fotografias inéditas das esculturas, capturadas na histórica Galeria quando se encontravam recobertas por tecido de proteção – e que, agora, serão exibidas ao lado de moldagens recentemente restauradas, estabelecendo um diálogo entre



Antínoo dito Capitolino



Afrodit/Vênus agachada ou se banhando

o passado e o presente. As imagens, editadas digitalmente com efeito de “negativo”, exploram a velatura de monumentos e estátuas – um “efeito ótico”, que desconstrói as formas originais e cria uma atmosfera etérea.

Segundo o curador Aldones Nino, “o *envelopamento das moldagens confere uma nova percepção e aparência ao objeto, envolvendo efeito fantasmático e sedutor, de certa aparência irreal*”. As fotos de Vicente de Mello propõem uma reflexão sobre desaparecimento, invisibilidade e ressignificação de símbolos escultóricos, enquanto celebram a riqueza do processo de restauração do acervo do MNBA.

“A simbologia das moldagens e a interferência de temporalidade efêmera, ao cobri-las para protegê-las, provoca uma ação destruturante das formas originais e ressignifica esses elementos, como ideia de monumentos temporários. Breu reconfigura a observação

das obras, com efeito sedutor, que cria certa aparência etérea e irreal, de desaparecimento e de invisibilidade”, diz o artista.

As moldagens são cópias em gesso produzidas a partir de esculturas originais de museus europeus e representam um legado histórico do ensino artístico no Brasil.

A série de Vicente de Mello se destaca por criar um diálogo poético entre escultura e fotografia, transformando o gesto técnico da fotografia em metáfora visual. As esculturas, veladas pelos tecidos protetores, ganham presença suspensa – formas atenuadas que habitam uma zona entre o visível e o oculto, provocando o olhar do visitante e ativando a imaginação. Em vez de reforçar a mimese tradicional, as imagens propõem novos modos de ver, que convertem história e técnica em uma experiência sensorial contemporânea.

“O significado da palavra breu sempre me soou como um momento no espaço anterior ao Fiat lux, em que a

ausência de luz permite que, na escuridão, pequenas penumbras, pequenos volumes e pequenas chamas possam parecer minimamente envolvidas por essa neblina, como um pó que flutua, em que se pode passar por ela e sentir a “forma” da escuridão”, afirma Vicente.

SOBRE O ARTISTA

Vicente de Mello, carioca, nascido em 1967, é uma das vozes centrais da fotografia brasileira contemporânea, com reconhecimento internacional. Desde 1992, constrói um universo visual lúdico que desmonta e reconfigura, transitando da topografia imaginada à metafísica da luz.

Entre suas exposições individuais recentes destacam-se: *Encanto, Casa del Concejo*, Arévalo, Espanha, 2025; *Monolux*, MAM RJ, 2018 / SESC Niterói, 2022; *Toda Noite*, panorama de 30 anos de obra, Farol Santander, Porto Alegre, 2022 / CCJF, RJ, 2023-24. Prêmios: APCA 2007 – Melhor Exposição de Fotografia do Ano; Prêmio CCBB Contemporâneo 2015. Livros: *Áspera Imagem* (Aeroplano, 2006) e *Parallaxis* (Cosac Naify, 2014). Coleções: MAM RJ, MASP, MAR RJ, Fondation Cartier, Maison Européenne de la Photographie, Itaú Cultural e The Museum of Fine Arts Houston, entre outros.

SERVIÇO

Breu, do fotógrafo Vicente de Mello

Até 16 de janeiro de 2026

Museu Nacional de Belas Artes – MNBA,
Galeria de Moldagens 2

Av. Rio Branco, 199, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: segunda a sexta, das 13h às 17h (Última entrada às 16h30)

Entrada: gratuita, por ordem de chegada



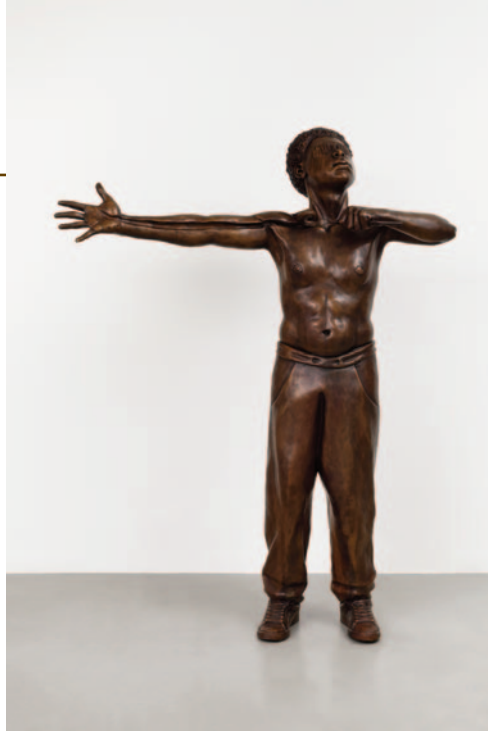
*Centauro
montado por
Eros/Amor/
Cupido*



“FLÁVIO
CERQUEIRA –
UM ESCULTOR
DE SIGNIFICADOS”

*Após levar mais de 200 mil pessoas
aos Centros Culturais
Banco do Brasil de São Paulo,
Belo Horizonte e Brasília,
o artista estreia sua primeira
grande mostra individual
no CCBB Rio, em 8 de outubro*

Onde Tudo Acaba em Mim 30,
Foto: Rômulo Fialdini



Da esquerda para a direita: *Better Together 05* | Foto: Divulgação; *Desenho Cego 1* | Foto: Estúdio em Obra; *Em Memória de Mim 01* | Foto: Rômulo Fialdini

Ao celebrar 15 anos de carreira, o escultor Flávio Cerqueira chega ao Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB RJ) com a exposição *“Flávio Cerqueira – Um escultor de significados”*.

Esta é a primeira vez que o artista apresenta uma mostra individual na cidade. Para a ocasião, foram reunidas mais de 40 obras, entre as quais três inéditas, peças em bronze e um jardim que convida o público à contemplação, localizado no primeiro pavimento do Centro Cultural Banco do Brasil. A exposição encerra a turnê do artista por outras sedes do Centro Cultural, pois já foi apresentada nas cidades de São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, atraindo mais de 200 mil visitantes.

A curadoria é de Lília Schwarcz, antropóloga e historiadora, parceira de Flávio há mais de uma década. Dessa colaboração nasce uma seleção sensível de obras, organizada para construir um microcosmo afetivo. Nesse ambiente, o paisagista Lula Câncio, que atuou com

Burle Marx, traz uma proposta inédita, ao integrar espécies vegetais que, em diálogo com as esculturas, compõem uma paisagem expositiva singular.

Para Flávio, a arte nasceu da observação. Cresceu em São Paulo, em uma família sem o hábito de frequentar exposições, e assim aprendeu a enxergar beleza no cotidiano – característica que atravessa sua produção até hoje. Em suas mãos, o bronze – tradicionalmente reservado a figuras públicas – se transforma em monumento às vidas comuns, despertando a atenção e a sensibilidade do público.

– A arte é para todos. Foi para mim, ainda criança, foi para a minha família e acredito que continua sendo assim. Meu trabalho busca essa linguagem universal que a gente aprende vendo e sentindo. Acho que consigo traduzir certas realidades nas minhas esculturas, que acabam exercendo um efeito quase magnético, prendendo o olhar e a atenção das pessoas” – explica o artista.

Essa realidade de que ele fala passa por questões intrínsecas à história brasileira, como classe, identidade, raça e gênero. Para a curadora, as obras dos artistas provocam e despistam o público, convidando-o à reflexão. *“Ele não fala somente da denúncia, da vitimização, mas também pela perspectiva da agência, da subjetividade negra, dos costumes, do afeto e da comunidade”*, – conta Lilia. E completa: *“Nas mostras do Flávio, as pessoas saem felizes, saem alimentadas, porque Flávio traz esse senso de coletividade”*.

No Rio de Janeiro, a experiência coletiva ganha forma no espaço *O Jardim das Utopias*, um verdadeiro oásis erguido no coração da cidade. O projeto foi pensado para criar equilíbrio entre as esculturas de bronze e o paisagismo de Lula Câncio; oferece um respiro em meio à metrópole. *“Em São Paulo, o jardim acabou sendo ressignificado pelo público. O que nasceu como um espaço artístico passou a ser incorporado à rotina das pessoas, especialmente dos trabalhadores que iam até lá no horário de almoço. Foi emocionante ver a arte se tornar parte desse cotidiano, tema que atravessa minhas obras, e perceber como ela pode transformar a forma como vivemos a cidade”* – pontua Flávio.

Gratuita e aberta ao público, a exposição reafirma a trajetória de Flávio Cerqueira como um dos principais nomes da escultura contemporânea no Brasil. Em cartaz até 18 de janeiro, *“Flávio Cerqueira – Um escultor de significados”* convida o público a experimentar a força poética de suas obras e a refletir sobre como a arte pode transformar o olhar sobre o cotidiano.

SERVIÇO

Flávio Cerqueira – Um escultor de significados

Abertura: 8 de outubro

Visitação: Até 18 de janeiro de 2026

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro

Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3808-2020 | cbbrio@bb.com.br

Dias/Horários: quarta a segunda, das 9h às 20h.

Fechado às terças-feiras.

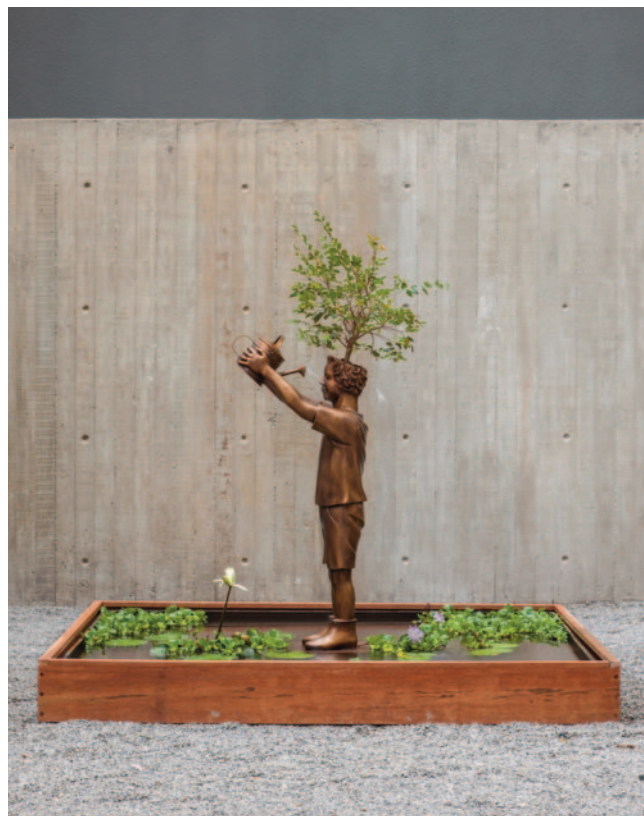
Classificação indicativa: livre | Entrada gratuita

Ingressos disponíveis na bilheteria física ou pelo site do CCBB

– bb.com.br/cultura

Mais informações em bb.com.br/cultura

Atenção: domingos, das 8h às 9h – horário de atendimento exclusivo para visitação de pessoas com deficiências intelectuais e/ou mentais e seus acompanhantes, conforme determinação legal (Lei Municipal nº 6.278/2017).



Eu Vi o Mundo 01

Foto: Rômulo Fialdini

“Amazônia Vida”, de José Roberto Aguilar, no Parque Global Cultural, SP



Flores de Humboldt

Foto: Divulgação

Projeto cultural apresenta obras de José Roberto Aguilar em diálogo com a Coleção BEĨ e referências indígenas, ressaltando a urgência ambiental no contexto da COP 30

José Roberto Aguilar é um artista que, ao longo de mais de seis décadas, fez de sua obra um campo de experimentações. Se há uma constante nesse percurso, é a busca de uma totalidade, de uma arte que não se restringe a linguagens, mas que se projeta como visão de

mundo. É nesse registro que se inscreve “Amazônia Vida”, com curadoria de Fábio Magalhães.

Aqui, Aguilar retoma a experiência vivida em Alter do Chão, no Pará, onde o contato com povos ribeirinhos e



Série *James Joyce Music*, a partir do poema *Bid Adieu*, 2025

Foto: Divulgação

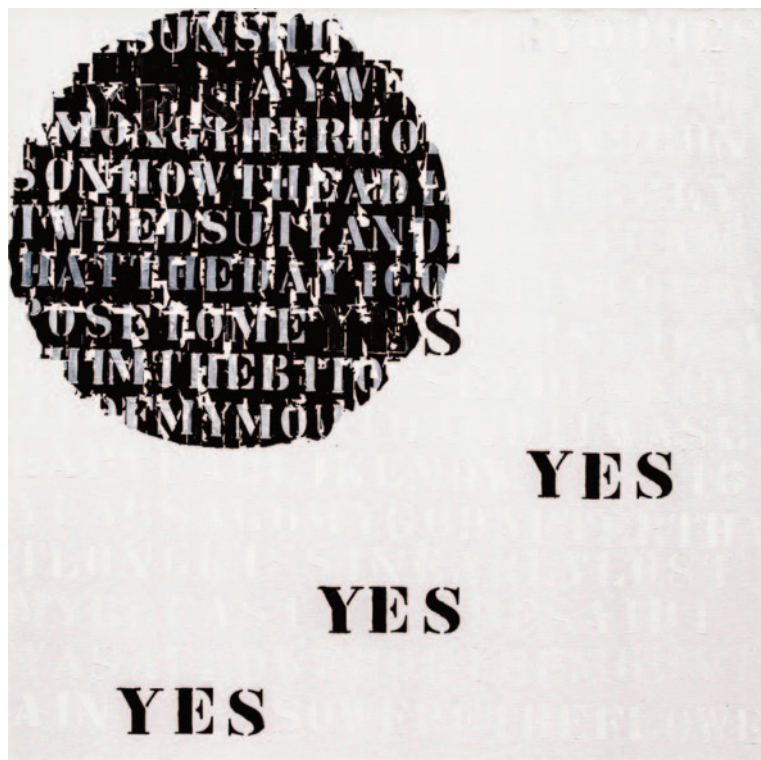
LUCIA VILASECA: OUTRAS POSSIBILIDADES

Artista expõe obras recentes na Galeria Patricia Costa, RJ, com curadoria de Vanda Klabin, reunindo elementos geométricos e fragmentos do livro de canções de James Joyce

Reconhecida por seus trabalhos pictóricos, com expressiva trajetória construída a partir de elementos geométricos e cores sólidas, em *“Lucia Vilaseca: Outras possibilidades”*, a artista perpassa a tênue fronteira entre figura e palavra. Na exposição individual, que será inaugurada no dia 9 de outubro na Galeria Patrícia Costa, Vanda Klabin seleciona obras inéditas – produzidas entre 2022 e 2025, *“configuradas com base em uma gramática visual mais complexa, própria de uma linguagem musical, pois são fragmentos de imagens e de sons, como um contraponto”* –, na definição da própria curadora e historiadora.

Ao se apropriar livremente de trechos do livro de canções musicadas do escritor irlandês James Joyce, *“Música de Câmara”* (*“Chamber Music”*, no título original, publicado em 1907), Lucia Vilaseca propõe uma leitura visual que amplia o olhar, invadindo outras camadas em suas representações, materializando o ritmo.

– *As palavras muitas vezes estão presentes nos trabalhos que faço; o NOVO e o SÓ são alguns deles* – explica Lucia Vilaseca. – *Nas minhas aquarelas, sempre coloquei letras ou números. Tenho um quadro chamado Peripatética, decorrente de quando caminhava nas ruas e ouvia fragmentos de coisas faladas pelas pessoas passantes. James Joyce foi um autor que eu sempre quis ler. Comecei a ler Ulysses e achei que não estava entendendo nada. Tive a oportunidade de ler o livro com um grupo de leitura orientado por Marcelo Backes; e foi aí que, no projeto que eu vinha desenvolvendo em pin-*

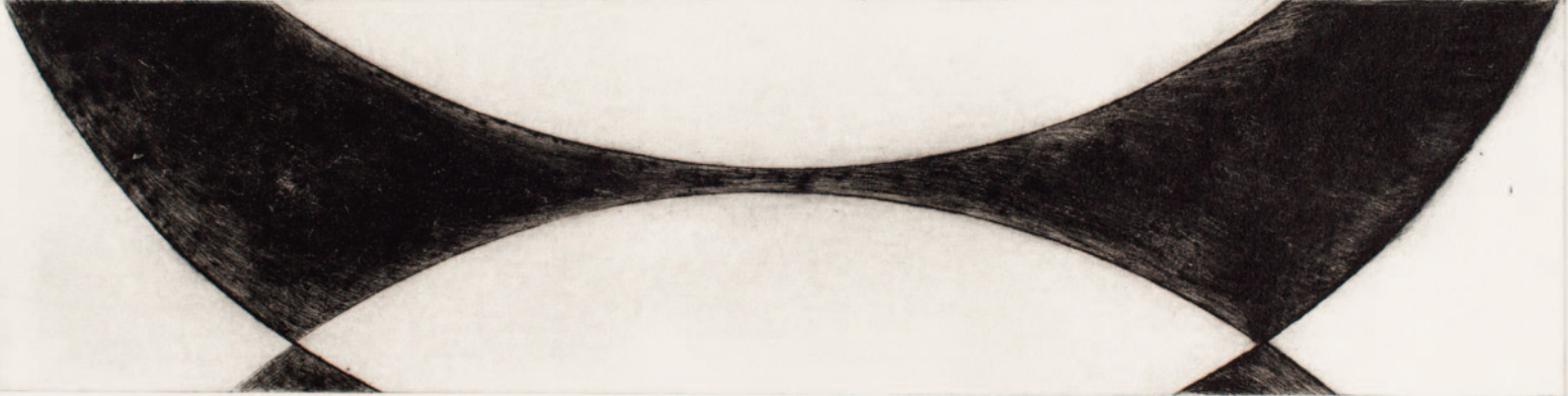


Molly, Série Círculos Erráticos, James Joyce, 2024
Foto: Divulgação

tura, denominado Círculos Erráticos, decidi introduzir fragmentos dos trechos de Ulysses.

– *O momento exato do livro foi ‘Hello There, Central!’. Me identifiquei com o personagem caminhando pelas ruas e se deparando com ruídos, carros, vozes... Tive que me dedicar muito a essa leitura. E fui me apaixonando tanto por James Joyce que, às vezes, parecia até que ele estava pessoalmente no meu ateliê* – conta a artista.

– *Decidi procurar um professor para me aproximar mais do universo de James Joyce e cheguei ao consulado da*



Sem título, Série Círculo e Variações, 2025

Foto: Divulgação

Irlanda, que me forneceu o nome de Vitor Alevato do Amaral, doutor, professor e tradutor de James Joyce. Vitor Alevato tem um grupo de estudos, junto com outros professores, chamado Here Comes every Joyce – conta.

– Esse poema, ‘Bid adieu, adieu, adieu’, que está no livro Chamber Music – o poema XI – teve a primeira edição em 1907; foram feitas duas lindas apresentações na Casa de Cultura Eva Klabin, dentro de um minicurso com o Professor Vitor Alevato – que, ao traduzir o poema, deu-lhe o título de ‘Dá adeus aos dias de menina’. Tive a oportunidade de apreciar a música interpretada por Silas Barbosa, no piano, e pelo tenor Jessé Bueno. Estava completando essa série de pinturas e achei que poderia prestar essa homenagem ao escritor que tanto admiro. Esse poema foi musicado pelo próprio James Joyce – diz Lucia Vilaseca.

Na mostra individual, que poderá ser visitada até o dia 9 de novembro, serão mostrados apenas trabalhos de produção recente, a maioria utilizando a técnica de acrílica sobre linho e sobre lona.

Em seu texto curatorial, Vanda Kabin destaca: – *Lucia Vilaseca amplia sua linguagem ao se apropriar das possibilidades plásticas desse universo codificado das letras, pontuadas agora com intervenções de um sistema de representação, através da incorporação de signos*

visuais alusivos à música de James Joyce na constituição de novas formas de expressão. O que importa não é mais o que a música representa, mas como se transforma por meio de associações livres, possibilitando um diálogo entre o espaço e a presença gráfica.

– Ao criar disponibilidades das letras, repletas de novos conteúdos e jogos de ambiguidades, agora sobrepostas em uma multiplicidade imagética e desalinhadas de seus conteúdos originais, a artista cria paradoxos visuais; e, em outros trabalhos, as questões cromáticas se presentificam, aliadas às orquestrações geométricas. As palavras, densificadas no centro e rarefeitas nas bordas, oscilam em estado de suspensão, construindo sempre novas possibilidades que moldam o nosso olhar contemporâneo, completa a curadora.

SERVIÇO

“Lucia Vilaseca: Outras possibilidades”

Abertura: 9 de outubro, quinta-feira, às 18h

Visitação: até 9 de novembro

Galeria Patricia Costa

Av. Atlântica, 4.240/lojas 224 e 225, Copacabana, Rio de Janeiro / RJ

Tels.: (21) 2227-6929 / (21) 98868-1993

Dias/Horários: de segunda a sexta, das 11h às 19h;

sábados, das 11h às 17h

Classificação: livre

Entrada gratuita

www.galeriapatriciacostra.com.br/



Obra de
Luis Bailey

“A Inquietante Estranheza do Lugar do Outro”

*Exposição com 13 artistas no Centro Cultural Correios RJ
mescla fatos da realidade, fábulas e ficções humanas*



Obra de Leda Gondim

Ao reunir 13 artistas de diferentes gerações, práticas artísticas e visões de mundo, *“A Inquietante Estranheza do Lugar do Outro”* propõe cogitar como a arte brasileira lida, atualmente, com essa conversão do habitual em não-familiar. Sob curadoria de Beth Ferrante e Margaret de Castro, a coletiva será inaugurada no dia 8 de outubro, no Centro Cultural Correios, no Centro do Rio.

Com o objetivo de suscitar inesperadas respostas poéticas, que mesclam fatos da realidade, fábulas e ficções humanas, a mostra apresenta realizações artísticas variáveis, da pintura à instalação, passando pela fotografia e pela escultura. Entre os artistas participantes estão: Alex Matheus da Hora, Beth Ferrante, Capilé, Claudio Montagna, Graça Pizá, Júlia Garcia, Katia Politzer, Luis Bailey, Reitchel Komch, Not a Doctor, Margaret de Castro e Solange Jansen. Um trabalho de Leda

Gondim (*in memoriam*) está presente na mostra, como homenagem das curadoras à sua mãe.

Segundo o ensaio *“Das Unheimliche”* de Sigmund Freud – publicado em 1919, ano que se segue ao fim da Primeira Grande Guerra –, tudo o que nos é familiar, se reprimido, há de retornar de forma assustadora. Viriam daí – sob um instante de suspensão entre o que reconhecemos, mas não podemos compreender –, os sentimentos de estranheza e de inquietação que emergem como elementos desestabilizadores de verdades questionáveis ou dogmáticas.



Obra de Margareth de Castro

SERVIÇO

“A Inquietante Estranheza do Lugar do Outro”

Abertura: 8 de outubro, quarta-feira, das 16h às 19h

Visitação: até 29 de novembro

Centro Cultural Correios RJ

Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça a sábado, das 12h às 19h

Entrada gratuita

Marco Figueiredo: (In)Congruências do Imaginário

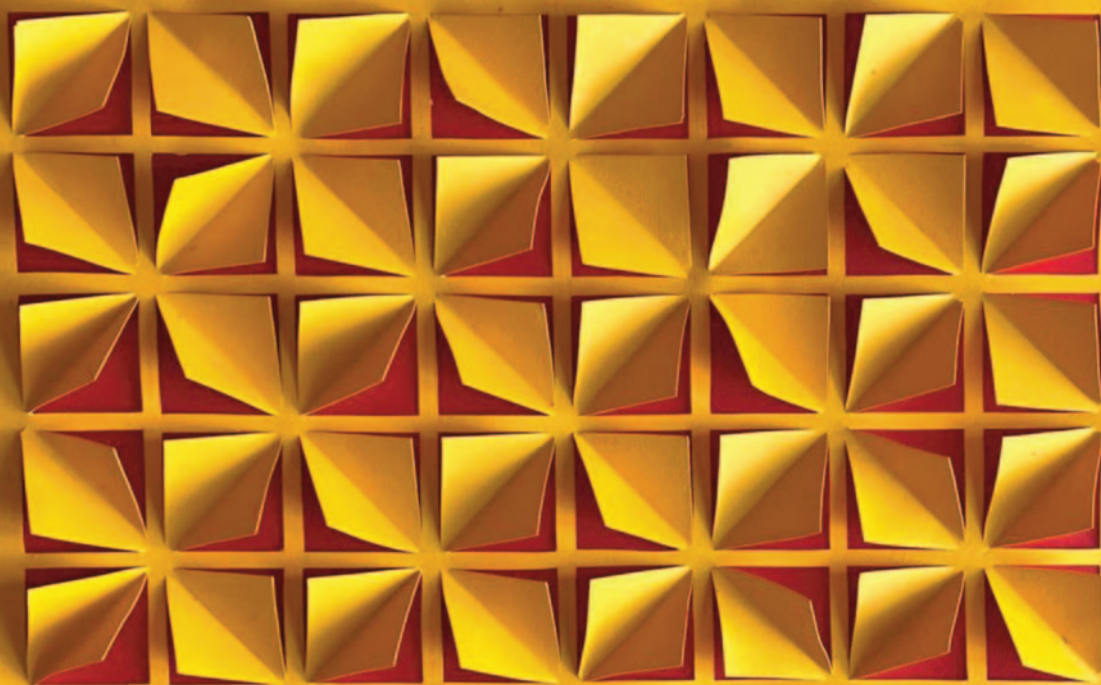
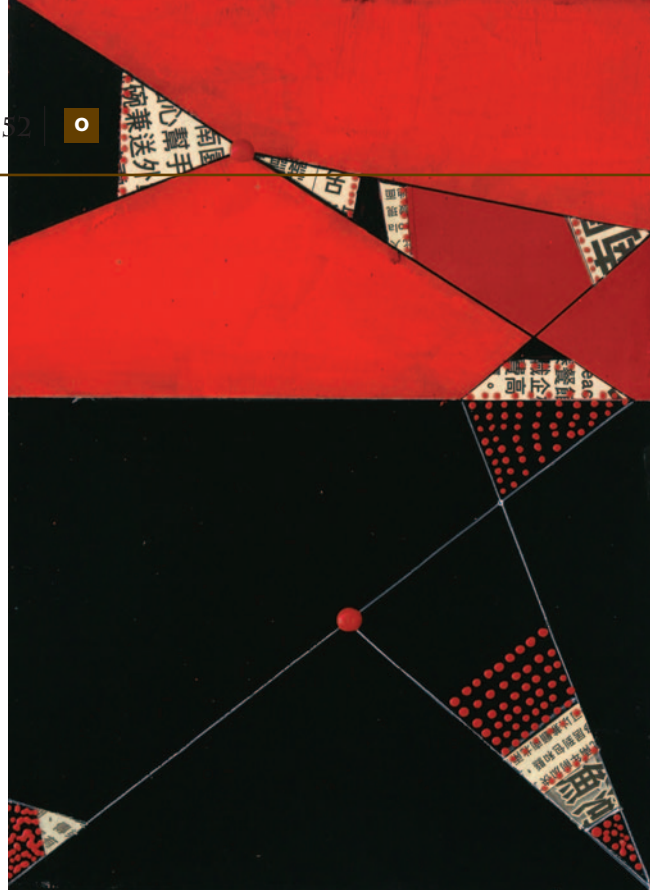


Foto: Divulgação

Artista radicado em Miami e no Rio expõe no Hotel Santa Teresa MGallery



Volumes tridimensionais, contraposição de planos, texturas e linhas simétricas que exploram cores primárias com precisão aparecem com bastante frequência no trabalho de Marco Figueiredo. Essas características se fazem ainda mais presentes na nova série do artista, que será apresentada ao público em exposição no hotel-boutique Santa Teresa MGallery, a partir do dia 9 de outubro.

“Marco Figueiredo: (In)Congruências do Imaginário” é a segunda individual do artista no Brasil e ocupará três espaços do hotel com aproximadamente 30 trabalhos recentes em diferentes suportes, utilizando colagem, recortes em papel e pintura a óleo sobre tela, em grandes, médios e pequenos formatos (com alguns polípticos, trípticos e dípticos).

Ao explorar os movimentos da geometria, o artista mantém coesão na forma como ocupa os planos, sem

deixar de conduzir o espectador a uma imersão fluida, através dos elementos que povoam o seu imaginário.

NATUREZA E ORDEM, POR GONÇALO IVO

O meticuloso trabalho de Marco Figueiredo me remete a tempos imemoriais. Passeio por abstrações de origem árabe e por geometrias inesperadas, como se pisasse em folhas outonais no solo de Alhambra ou do Alcazar de Sevilha. Há obras que se irmanam com a tradição concreta e neoconcreta brasileira dos anos 1960 e 1970. Outras transcendem uma estrada vicinal da Op Art. Mas essas são apenas referências trazidas da história recente da arte. O que está diante de nossos olhos é a realização do desejo de um artista que quer e concretiza sua intuição e seu labor.

Vê-se aqui uma de suas inúmeras séries, composta de pequenas flores a desabrochar do plano e a revelar cores que se escondem entre pétalas finamente recortadas pelas mãos deste obreiro da luz. Engastada em rigorosa geometria, a obra nos faz pensar em azulejos, cristais e até mesmo no nascimento de estruturas sustentando um mundo que deve, por sobrevivência, sair do caos e mirar a ordem e a harmonia.

SOBRE MARCO FIGUEIREDO

Autodidata no ramo das artes, Marco Figueiredo carrega o raciocínio lógico performado ao longo de sua carreira no mercado financeiro, onde atua esporadicamente, hoje em dia.

Reside-transita entre Miami e Rio de Janeiro, dividindo quase todo o seu tempo entre a produção artística e a pesquisa de novas técnicas e processos. Ao longo dos

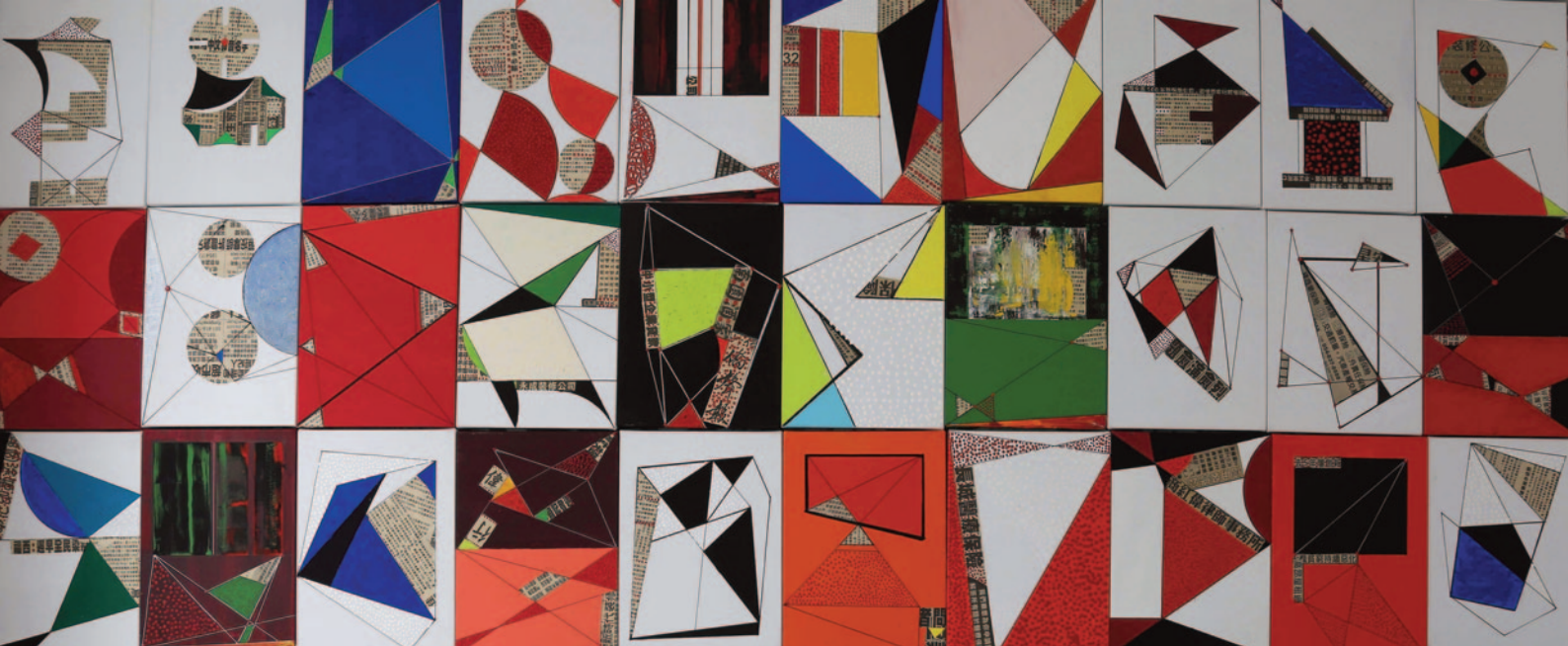


Foto: Divulgação

anos, frequentou cursos de aprimoramento no New York Art Center Studies e no Ateliê Gonçalo Ivo, em Paris, entre outros.

Entre as exposições já realizadas em sua trajetória, destacam-se uma coletiva no Miami Art Center (2000) e as individuais na Miriam Fernandes Art Gallery (2010), em Miami, e no Centro Cultural Correios do Rio (“Caminhos Diversos”, em 2019). Suas obras autorais estão expostas em espaços públicos e integram coleções pri-

vadas mundo afora, em países como Estados Unidos, Japão, Holanda, França e Suíça.

SERVIÇO

“Marco Figueiredo: (In)Congruências do Imaginário”

De 9 de outubro a 8 de dezembro

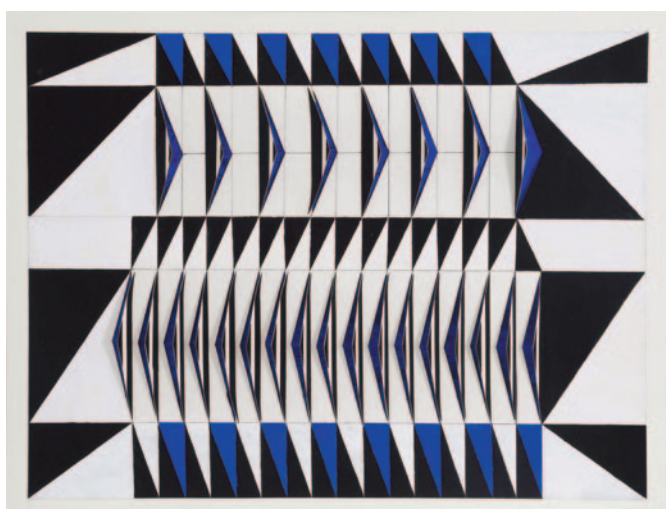
Hotel Santa Teresa MGallery

Rua Almirante Alexandrino, 660, Santa Teresa, Rio de Janeiro / RJ

Classificação: livre | Entrada gratuita

Contatos do artista:

[@marcofigueiredoart](https://www.instagram.com/marcofigueiredoart) | maf810@gmail.com



Fotos: Divulgação

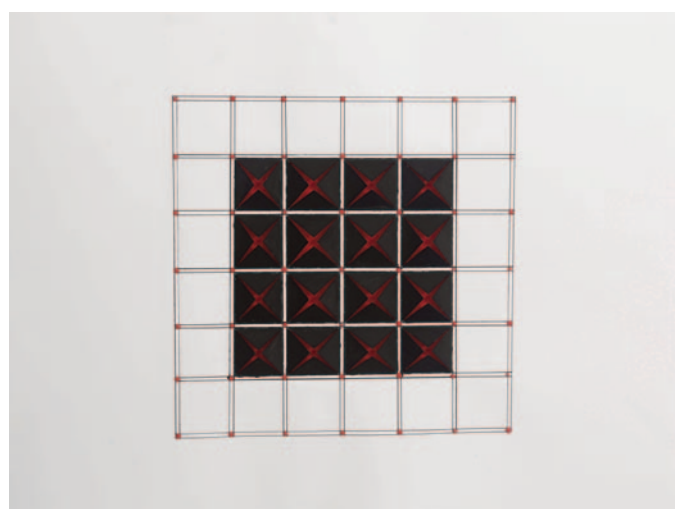




Foto: Luciana Kater

Exposição inédita de MARIANA PALMA
é a nova realização do MON
para o espaço do Olho e da Torre

“Através” é uma mostra individual inédita realizada pelo Museu Oscar Niemeyer, que traz a obra da artista contemporânea Mariana Palma ao Olho e espaços da Torre. Com curadoria de Marc Pottier, a exposição reúne telas em tecidos de grandes dimensões, instalações e vídeos, proporcionando ao público uma imersão nas obras.

– *Estamos imensamente felizes em receber Mariana Palma no Museu Oscar Niemeyer. É uma oportunidade linda para que o público do Museu mergulhe em uma experiência artística rara. Suas obras revelam delicadeza e força ao mesmo tempo; e nos convidam a atravessar camadas de cor, tecido e imaginação* – afirma a secretária de Estado da Cultura, Luciana Casagrande Pereira.

– *A artista brasileira Mariana Palma representa uma potente e promissora geração de mulheres que conquistam um espaço cada vez maior na arte contemporânea. De forma poética, evoca a natureza com sutileza, de maneira tão bela quanto única* – diz a diretora-presidente do MON, Juliana Vosnika. – *Ao entrar na imersão proposta pela artista, o público irá se deparar não apenas com obras de arte, mas com a possibilidade de perceber novos sentidos. O seu trabalho, com leveza e sofisticação, envolve o espectador* – afirma.

– *A exposição evoca a ideia de atravessamento, seja ele de camadas, de tecidos, de imagens ou do tempo. As obras de Mariana Palma fluem, carregam movimento* – reflete Juliana.



Foto: Luciana Kater

A artista tem obras no acervo do MON e, nos últimos anos, participou de exposições como “Afinidades” e “MON sem Paredes”. Seus trabalhos criam espaços pictóricos únicos, construídos pela justaposição de diferentes elementos.

Grandes telas com cores saturadas podem lembrar cortinas de teatro com flores e tecidos estampados, drapeados e desfiados. As fotografias mescladas com pinturas e os bordados de larga escala criam uma natureza-morta contemporânea, forjada com elementos vivos e em decomposição, elementos da pintura clássica e objetos considerados residuais, mesclando o nobre e o residual.

A principal obra desta exposição, “Fluir”, foi desenvolvida especialmente para o espaço do Olho. É uma grande instalação que utiliza tecidos, água, espelhos

quebrados e iluminação especial. O objetivo foi criar a ilusão de uma grande cachoeira a invadir o ambiente. O vão da escadaria da Torre ganhou uma grande instalação com tecidos impressos com imagens. No Espaço Araucária, embaixo do Olho, o público irá encontrar vídeos com projeções, em alta definição, de imagens de flores, que permeiam todo o trabalho da artista.

“A obra ‘Fluir’ acabou se tornando o centro da exposição; não só fisicamente, mas conceitualmente também – explica Mariana. – A partir dela, fui organizando os outros trabalhos como desdobramentos; uns mais silenciosos, outros mais intensos, todos dialogando com essa ideia de imagem como aparição. Tudo vai se revelando aos poucos, como quem mergulha em um tecido e vai encontrando outras camadas, outras paisagens – pontua.

O curador Marc Pottier afirma que o título *“Através”* evoca a passagem através do espelho, tal como imaginada por Lewis Carroll em seu famoso romance, *“Alice no País das Maravilhas”*. – *Nesta exposição do MON, os espelhos são as transparências das obras, o que pode ser interpretado como uma metáfora para a autodescoberta e o confronto com o inconsciente – observa o curador. – É uma exploração da passagem de um mundo racional para um mais absurdo e ilógico, onde as regras usuais são invertidas e o homem poderia, talvez, libertar-se da realidade – completa.*

SOBRE MARIANA PALMA

Nascida em São Paulo em 1979, ingressou em 1998 no curso de bacharelado em artes plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), que concluiu em 2000. A artista já realizou exposições individuais em

Florianópolis, Recife, Curitiba, Ribeirão Preto e em diversas galerias de arte. Em 2006 participou de sete coletivas, dentre as quais a *Rumos Artes Visuais*. Nos anos anteriores, suas obras puderam ser apreciadas em 21 exposições coletivas.

Recebeu várias premiações, como o Prêmio Exposição Individual do SESC Ribeirão Preto, em 2003, e os Prêmios Aquisição do Museu de Arte Contemporânea de Campinas (2003), do Museu de Arte de Ribeirão Preto (2005) e da Casa do Olhar em Santo André (2006). Participou de projetos com Albano Alfonso, Sandra Cinto e Eduardo Brandão, entre outros artistas.



Foto: Luciana Kater

SERVIÇO

“Através”, de Mariana Palma

Até 14 de dezembro

Museu Oscar Niemeyer – Olho, Espaços Araucária e escadaria da Torre

Rua Marechal Hermes, 999, Centro Cívico, Curitiba / PR

Dias/Horários: terça a domingo, das 10h às 18h (acesso até às 17h30)

Ingressos: R\$ 36,00 (inteira); R\$ 18,00 (meia-entrada)

Entrada gratuita toda quarta-feira e no último domingo do mês

www.museuoscarniemeyer.org.br

Mostra “*O Rio de Ciro: A Cidade em Xilogravuras*”
homenageia os 460 anos do Rio de Janeiro
pelo olhar de Ciro Fernandes



Xilogravura *Uiraúna*

Foto: Divulgação

*A exposição, que ficará em cartaz por três meses, inicia com vernissage
no próximo dia 18 de outubro, no Museu Chácara do Céu*

O Museu Chácara do Céu, localizado no bairro carioca de Santa Teresa, abre suas portas no dia 18 de outubro para a exposição inédita *“O Rio de Ciro: a cidade em xilografia”*, do artista plástico Ciro Fernandes, que retrata a cidade maravilhosa através da força da arte nordestina. A mostra fica em cartaz até 30 de janeiro de 2026.

Com entrada gratuita, a programação celebra a trajetória do artista paraibano Ciro Fernandes e a sua paixão pelo Rio de Janeiro, por meio de 76 obras autorais que transitam entre a técnica milenar da xilogravura e outros estilos, como pintura, calcogravura, litogravura e nanquim.

Pensada para todos – amantes da arte, turistas e moradores que buscam um programa cultural enriquecedor –, a exposição apresenta obras que dialogam com as narrativas populares da região e revelam a versatilidade do xilogravador, pintor, ilustrador, escritor e luthier Ciro Fernandes, em diferentes linguagens visuais.

A abertura da exposição, que acontecerá das 12h às 16h30, no dia 18 de outubro, contará com uma apresentação inédita de música brasileira, que coloca a sonoridade carioca em diálogo com a experiência visual da exposição. Na ocasião, o violonista e compositor Jean Charnaux assina um show especial, com direito a uma vista deslumbrante do Rio de Janeiro.

De modo a distribuir as obras em diferentes núcleos temáticos, a mostra começa com *“O Rio de Ciro: um Caso de Amor”*, que retrata a chegada do artista ao Rio de Janeiro e sua paixão pela cidade, com obras que capturam o ciclo urbano e cotidiano dos cariocas. O núcleo seguinte, *“Lapa e Seus Mistérios”*, revela a atmosfera boêmia e cul-

Xilogravura *Cardeal*
Foto: Divulgação



Xilogravura *Redenção*

Foto: Divulgação

tural do bairro, com destaque para figuras icônicas, como Madame Satã, eternizando a diversidade e a essência das ruas.

A exposição segue conectando o público às raízes nordestinas, por meio dos núcleos “*A Tradição Cordelista Chega à Cidade Maravilhosa*” –, que narra a forma como o artista retomou a xilogravura nos cordéis urbanos da capital – e “*A Natureza Exuberante de Ciro*” (Sala Imersiva), que transporta os visitantes para dentro de uma sala de vidro com obras do artista em formato de lambe-lambes e adesivos, para que as obras dialoguem com a vista panorâmica do Rio de Janeiro.

Ao integrar diferentes formatos, a exposição não se restringe apenas à xilogravura; o público poderá, também,

apreciar as pinturas em tinta acrílica sobre tela, calco-gravuras, litogravuras, ilustrações e artes em nanquim; a mostra inclui ainda capas de cordéis, LPs, matérias de jornal e livros de grandes escritores, ilustrados pelo artista.

Os participantes poderão se inspirar ao fazer uma imersão no cenário criativo de Ciro Fernandes, a partir da exibição de suas ferramentas de trabalho – como a prensa, os materiais de entalhe e as matrizes de madeira das obras. São instrumentos que determinam as dimensões variadas das obras desde a menor, com proporções de 28 x 32cm, e a maior, com 90 x 220cm.

Na mostra, os visitantes poderão contemplar algumas obras emblemáticas do artista, como *Cardeal* (xilogravura, 2022, 96 x 33 cm); *Massacre da Candelária* (tinta acrílica sobre tela, 1990, 80 x 120 cm); *São Jorge Ogum* (xilogravura, 65 x 160 cm); *Além de Amanhecer* (xilogravura, 2022, 28 x 38 cm), *Lapa* (xilogravura, 1979, 65 x 96 cm), e *Madame Satã* (xilogravura, 1979, 64 x 47 cm).

Com o objetivo de democratizar o acesso à cultura, a exposição vai oferecer quatro oficinas, programadas para crianças de escolas públicas da região de Santa Teresa. A partir de gravuras em material reciclado (Tetrapack), as oficinas trazem para as crianças atividades lúdicas e culturais, que abordam a natureza do Rio de Janeiro e buscam a representação dos pássaros da cidade, espelhadas na inspiração da obra de Ciro Fernandes.

ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO

Para ampliar o acesso à arte, a exibição da mostra con-



Xilogravura *Encontro do Sol com a Lua*

Foto: Divulgação

tará com ferramentas que trazem mais acessibilidade às obras para os visitantes. As matrizes presentes possuem parte tátil – que possibilita o toque; o espaço é preenchido por placas em Braille para os textos de parede, além de audiodescrição e legendas estendidas das principais obras. A mostra ainda oferece visitas guiadas com monitores especializados, em dias específicos.

A exibição tem curadoria de Mariana Lannes, diretora de produção cultural e idealizadora de projetos artísticos – com atuação nacional em música, artes visuais,

cultura popular e impacto social – e de Alessandro Zoe, fundador do escritório de gestão artística CRIVO, com mais de oito anos de experiência à frente de produções culturais em teatro, música e artes visuais.

SOBRE O ARTISTA

Ciro Fernandes, no auge dos seus 83 anos, é um dos maiores nomes da cena artística brasileira, considerado um patrimônio vivo da xilogravura no país. Com uma trajetória marcada por seus traços expressivos, por sua originalidade e pelo compromisso com a preservação

das tradições nordestinas, o artista continua a inspirar novas gerações para ampliar as fronteiras da arte popular.

Na década de 1970, conheceu a Feira de São Cristóvão, reconhecida no Rio como um espaço de preservação da cultura nordestina. Lá percebeu que a produção de cordéis locais era diferente da tradicional xilogravura de suas raízes. Nesse contexto, o talentoso paraibano passou a demonstrar sua técnica. Assim, consolidou sua trajetória artística e firmou-se como ilustrador e diretor de arte em agências de publicidade e veículos jornalísticos. Foi o único ilustrador a ser agraciado com o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, por seu trabalho na ilustração do livro *Cordelinho*; é também reconhecido como patrimônio vivo da xilogravura brasileira.

O projeto da mostra é contemplado pelo edital *Pró-Carioca*, programa de fomento à cultura carioca, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria Municipal de Cultura.

SERVIÇO

“O Rio de Ciro: A Cidade em Xilogravuras”

De 18 de outubro de 2025 a 30 de janeiro de 2026

Museu Chácara do Céu

Rua Murinho Nobre, 93, Santa Teresa,

Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: diariamente, exceto às terças,
das 10h às 16h30

Gratuito



Xilogravura Lapa

Foto: Divulgação

ARIVANIO – O BESTIÁRIO DE KIXELÔ, NA AURA GALERIA, SP



Trases de morte, 2023

Foto: Divulgação

No ano em que foi indicado ao Prêmio PIPA, Arivanio inaugura sua segunda individual na Aura, no dia 2 de outubro, das 18h às 21h. Com curadoria de Theo Monteiro, “*O Bestiário de Kixelô*” reúne 20 obras do artista, entre as quais três inéditas, que destacam figurações animais para abordar temas fundamentais à humanidade, como nascimento, morte, desejo, violência e sobrevivência.

O BESTIÁRIO DE KIXELÔ, POR THEO MONTEIRO

Bestiários eram manuscritos medievais, em geral encontrados nas bibliotecas de antigos mosteiros, abadias e conventos, nos quais eram representados os mais diversos tipos de criaturas, reais ou não. Neles eram retratados, por imagens e descritos por textos, desde seres mitológicos, como unicórnios e grifos, até animais como gatos e abutres. É curioso que, mesmo os seres verdadeiros e que faziam parte do universo europeu daquele período eram, por vezes, representados de forma fantasiosa. O objetivo, afinal, não era propriamente científico (ainda mais que esse tipo de visão de

mundo inexistia naqueles recuados séculos). Tratava-se, na verdade, de uma coletânea extraída de textos lendários – com essas curiosas bestas servindo ora como metáfora, ora como material narrativo para conteúdos míticos.

A poética de Arivanio, de alguma forma, faz referência a esse gênero bibliográfico medieval. Os principais elementos que frequentam seus trabalhos – pinturas em tela, papel e mesmo o característico saco de cimento – são, em sua maioria, animais. Quase todos muito familiares aos nossos olhos: cachorros (aos montes!), galos de briga, pássaros, gatos, vacas, onças e, mais esparsamente, pessoas ou entidades zoomórficas – um repertório cotidiano. Presente no dia-a-dia brasileiro e também no do próprio Arivanio, que cresceu próximo de suas tias – as quais, segundo seu relato, criavam animais em grande quantidade. Desse convívio surgiu uma observação atenta do ciclo de vida desses seres: nascimento, morte, desenvolvimento, particularidades – e mesmo semelhanças e paralelos com nossa existência humana.

Da esquerda para a direita: *Sol da manhã*, 2022; *Fura ou aborto*, 2022

Fotos: Divulgação





Menino e dois gansos, 2022

Foto: Divulgação

Em suas pinturas sobre tela, gênero que desenvolve há mais tempo, Arivanio constrói fundos de cores saturadas, quase sempre empregando um vermelho de notas infernais, vegetação rarefeita e céus povoados de pássaros pretos que voam ao longe. Ante esse fundo sanguíneo, comumente se projetam cachorros branquíssimos, delgados, muitas vezes de forma perfilada. Apesar das menções a um mundo por nós muito conhecido, o artista, ao construir essas composições com cores tão peculiares quanto irrealis, nos afasta do cotidiano e nos transporta, tal qual em um bestiário, para um mundo de símbolos universais. Suas cadelas, com

úberes carregados de leite, dando à luz ou amamentando, por exemplo, aludem ao mito da fundação de Roma, na qual uma loba teria amamentado os irmãos Rômulo e Remo. Em *Fura ou Aborto*, tela de 2022, ante um céu vermelho, uma cadela branca dá à luz, em um parto aparentemente sofrido, a um cachorrinho. Ao lado dela, um abutre negro de cabeça cinza espreita a cena, quase como um sinal de que a morte constantemente ronda a vida – mensagem reforçada por outros pássaros negros que, ao longe, povoam o céu. O mundo dessas pinturas é violento, com sangue, morte. A vida se faz veemente – e a sobrevivência, claramente, se desenha como um desafio.

Em *Trases de Morte*, de 2023, um cachorro macho cinzento tem, no lugar de sua cabeça, um crânio de boi com proeminentes chifres. Ao fundo, sempre o vermelho, mas agora em contraste com tons cinzentos. Se a cabeça é um claríssimo signo da morte, a postura do animal, assim como os seus genitais, indicam não somente vida, como também forte pulsão sexual. Aliás, é curioso como o sexo é outro tema bastante frequente nesses seres representados por Arivanio. Se falamos do ciclo da vida (e consequentemente da natureza), a sexualidade é parte fundamental nesse processo; e é tratada, por nosso artista (que usa como metáfora seus animais), tanto por um viés de desejo e de pulsão quanto por um lugar de dor e de violência.

Chega-se então às pinturas que têm, como suporte, sacos de cimento. Os temas são similares aos das pinturas executadas sobre tela, mas os fundos vermelhos ou escuros acabam dando lugar aos motivos gráficos presentes na embalagem do material. O efeito acaba

sendo curioso: ainda que seus seres continuem carregando uma carga simbólica poderosa, existe algo nesse suporte que os aproxima de nossa realidade, de nossa cultura. O saco de cimento acaba também reforçando componentes pictóricos antes menos visíveis: pinceladas ganham fatura mais pronunciada; e a particularidade dos materiais pictóricos faz saltarem mais à vista os seres representados. Da mesma forma, os elementos paisagísticos interagem com o já existente fundo gráfico, trazendo para as composições mais dinamismo e pulsação. Se as telas têm algo de hierático, muitas vezes, aqui é como se pudéssemos ver esses seres dentro de narrativas mais fluidas.

A narrativa dos bestiários, no final das contas, é muito mais simbólica do que real. Nos exemplares medievais, as paisagens são apenas alusivas; os seres são metafóricos. Por outro lado, não faltam motivos fortemente coloridos – e o emprego de elaboradíssimos materiais pictóricos, que acabam por realçar o precioso simbolismo que esses estranhos bichos evocam. Em Arivanio, o simbolismo está igualmente presente, mas agora para explicar o contemporâneo, o nosso mundo, nossas questões, nossos desejos. E é a partir de sua cidade natal, a cearense Quixelô, que o artista busca, através de animais, entender o complexo universo que nos gera, que nos insufla desejos – e que também – a qualquer momento – pode nos destruir.

SERVIÇO

Arivanio – o bestiário de kixelô

De 3 de outubro até 8 de novembro

Aura Galeria

Rua da Consolação, 2767, Jardim Paulista, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3034-3825 | WhatsApp : (11) 91674-3679

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábados, das 11h às 17h

<https://aura.art.br/>



Oferta em alguidar, 2025

Foto: Divulgação



Gato da mata, 2021

Foto: Divulgação

Juventude, 2025

Foto: Divulgação





Mari Nagem,
41 °C, 2025
Maquete virtual

Um rio não existe sozinho:
exposição imersiva inédita une Instituto Tomie Ohtake
e Museu Goeldi em Belém

*Mostra coletiva conecta ciência, arte e saberes tradicionais no Parque Zoobotânico
e propõe um novo olhar sobre a Amazônia, em tempos de crise climática*

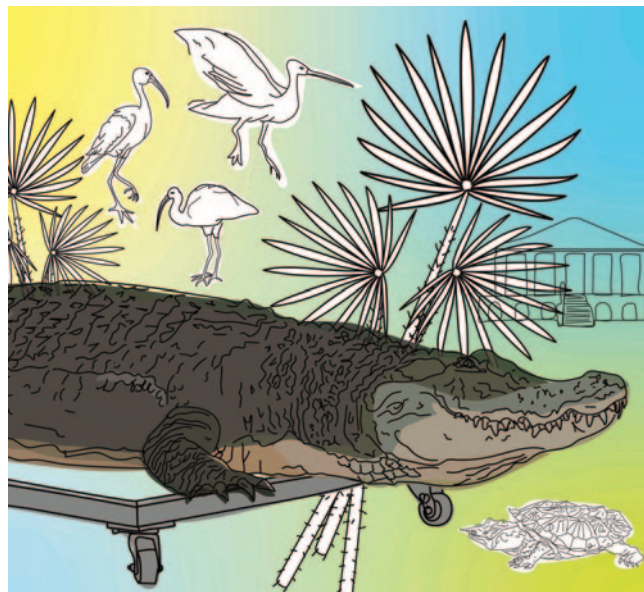
Um rio não existe sozinho, exposição em cartaz de 3 de outubro a 30 de dezembro no Museu Paraense Emílio Goeldi, foi criada e desenvolvida pelo Instituto Tomie Ohtake, sob curadoria de Sabrina Fontenele, curadora da instituição, e Vânia Leal, curadora convidada, para dialogar com os temas urgentes relacionados à 30ª Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP 30), que acontecerá em novembro de 2025, em Belém.

O projeto teve início em 2024, com encontros, viagens de pesquisa e com a realização dos seminários *Diálogos São Paulo* e *Diálogos Belém*. Artistas, mestres tradicionais, arquitetos, cientistas e ativistas participaram desses encontros, que buscaram construir uma rede nacional de conexões em torno de caminhos sustentáveis frente à crise climática. Agora, essas trocas se materializam em obras que não apenas ocupam o Parque, mas que se integram e convivem com ele.

Na mostra coletiva, que reúne nove artistas de diferentes regiões do Brasil e um escritório de arquitetura, o Parque é matéria viva, ponto de partida e inspiração. Todas as obras são *site specific*, concebidas em diálogo direto com o ecossistema local; respeitam sua delicada dinâmica e propõem uma convivência sensível com seus ritmos, sons, cheiros e presenças. Diferente de um espaço expositivo convencional, cada trabalho precisou se adaptar às condições do ambiente – respeitando a fauna livre, a vegetação e a história de um museu com quase 130 anos de existência. O resultado é uma mostra que se constrói em diálogo e negociação constantes, reconhecendo o museu como lugar de vida e de convivência.

“Esta ilha de biodiversidade cuidadosamente mantida existe em um planeta em colapso. Não é um convite ao escapismo, mas um lembrete poderoso do que está em jogo... Vivemos um tempo em que a crise climática se tornou realidade cotidiana. Esta exposição é uma forma de imaginar, junto com artistas e saberes tradicionais, outras possibilidades de existência mais generosas e sustentáveis” – afirma a curadora Sabrina Fontenele.

– “A floresta não é cenário, mas um sujeito político ativo e pulsante. Reconhecer isso é também reconhecer a urgência da justiça climática e a resistência dos povos que, há séculos, protegem esse território” – afirma Vânia Leal, curadora convidada.



Noara Quintana, *Tela d'água*, 2025

Croqui da obra

A exposição traz obras de Sallisa Rosa (GO), que apresenta *A terra esculpe a água*, instalação em barro que evoca a relação ancestral entre terra e água – e reforça



Sallisa Rosa, *Sem título*, 2023 – Vista do 38º Panorama da Arte Brasileira

Foto: Estúdio em Obra

a urgência de cuidar das águas que conectam todo o planeta. Rafael Segatto (ES), artista-trabalhador do mar, apresenta *Enquanto correm as águas*, instalação que combina remos e cores simbólicas, para traçar uma cartografia poética das memórias, espiritualidades e navegações. PV Dias (PA) apresenta *Paisagens commodities*, projeção em videomapping que revela os rastros da destruição ambiental na paisagem amazônica, sobrepondo imagens do acervo do Museu Goeldi com registros atuais. Em *Tela d'água*, Noara Quintana (SC) recria espécies ameaçadas a partir de registros históricos, apontando para a fragilidade do ecossistema. Já Elaine Arruda (PA) apresenta *Entoar o vento e dançar marés*, instalação que atravessa memórias femininas e ancestrais para refletir sobre o tempo, as águas e as travessias da vida.

A mostra conta ainda com a participação da artista Mari Nagem (MG), que apresenta *41°C* – obra que

transforma dados científicos sobre a seca histórica de 2023 no Lago Tefé em paisagens térmicas, que alertam para a urgência da crise climática. Gustavo Caboco (RR/PR), do povo Wapichana, apresenta *Casa de bicho* e *Antibatismo: Victoria Regia*, instalações que afirmam a memória e a permanência indígena, enquanto questionam as violências coloniais inscritas na Amazônia.

Déba Tacana (RO) apresenta *Luz que Ança*, instalação em cerâmica e vidro fundido que conecta ancestralidade e futuro para refletir sobre a crise climática e os direitos humanos. E Francelino Mesquita (PA), escultor que apresenta as instalações *Proteja-me* e *Proteção ambiental*, propõe um ativismo visual com miriri e outros materiais naturais, que evocam saberes ancestrais e alertam para a urgência da preservação da Floresta Amazônica.

Coube ao Estúdio Flume projetar o pavilhão que abriga o Espaço Educativo da exposição, concebido a partir de

recursos e técnicas locais, como madeira e palha de ubuçu. Fundado em 2015 pelos arquitetos Christian Teshirogi e Noelia Monteiro, o escritório se consolidou por tratar a arquitetura como ferramenta de impacto social, com projetos que fortalecem comunidades rurais e tradicionais. Entre eles, destacam-se o Centro de Referência das Quebradeiras de Babaçu (MA) e a Casa do Mel (PA), reconhecidos nacional e internacionalmente por aliar sustentabilidade, saberes locais e desenvolvimento comunitário.

Cada obra foi pensada para se integrar à paisagem de forma respeitosa, com baixo impacto ambiental e alto poder poético. São experiências imersivas, provocadoras, que reforçam a importância de repensarmos nosso modo de estar no mundo.

“A conexão entre ciência e arte é uma estratégia para cultivar vínculos afetivos com o patrimônio natural e cultural da Amazônia, ampliar o acesso ao conhecimento e fortalecer a consciência crítica” – destacam Sue Costa e Pedro Pompei, do Museu Paraense Emílio Goeldi. “É também um convite à imaginação e à reflexão, porque compreender a Amazônia exige tanto precisão científica quanto abertura poética”, finalizam.

PROGRAMAÇÃO PÚBLICA

No dia 3 de outubro, na abertura da exposição, o público poderá participar de uma intensa programação. Entre 9h30 e 12h30, acontecem três mesas no auditório do Pavilhão Eduardo Galvão, cada uma com 45 minutos de duração, reunindo diferentes artistas e mediadores: às 9h, participarão Gustavo Caboco, Sallisa

Rosa e Deba Tacana, com mediação de Sabrina Fontenele; às 10h, Elaine Arruda, Rafael Segatto e Mari Nagem serão mediados por Vânia Leal; e às 11h, PV Dias, Noara Quintana e Francelino Mesquita terão mediação de Ana Roman, superintendente artística do Instituto Tomie Ohtake. À tarde, das 15h às 16h30, o público está convidado para uma visita guiada pela mostra, com a participação dos artistas expositores.



PV Dias, video mapping *Paisagens commodities*, 2025

Still

SERVIÇO

Um rio não existe sozinho

De 3 de outubro a 30 de dezembro

Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi

Centro de Exposições Eduardo Galvão

Av. Governador Magalhães Barata, 376, São Braz, Belém / PA

Tel.: (91) 3211-1700

Dias/Horários: de terça a domingo, das 09h às 17h

Ingresso: R\$ 3,00 (Bilheteria aberta até às 16h)

JUNTA 2025 ocupa a Funarte MG em sua 13ª edição e reúne obras de mais 60 artistas



Junta 2024

Foto: 100 Erros

O evento, que é ponto de encontro para artistas, colecionadores e amantes da arte, ocupará a Funarte, nos dias 4, 5, 11 e 12 de outubro, com feira de arte e praça de alimentação



Junta 2024

Foto: 100 Erros

A JUNTA – Feira de Arte Contemporânea chega à sua 13ª edição em 2025, com a proposta de ser um contraponto à lógica tradicional do mercado de artes. Nos dias 3, 5, 11 e 12 de outubro, vai transformar a Funarte MG, em Belo Horizonte, numa grande galeria de arte, com entrada gratuita.

Desde sua criação, em 2016, a JUNTA se consolidou como uma das principais plataformas de exibição e comercialização de arte contemporânea em Minas Gerais; ao longo de suas 12 edições, vem reunindo centenas de artistas locais, nacionais e internacionais. Democrática e acessível, a feira aposta em formatos inovadores, para aproximar o público das artes visuais e fomentar o hábito do colecionismo a preços mais acessíveis.

– “A JUNTA nasceu como alternativa para artistas independentes que não acessam o circuito tradicional. A cada edição, reforçamos esse compromisso de abrir espaço, valorizar a diversidade e formar novos públicos para a arte contemporânea” – destaca Comum, idealizador e curador do projeto.

Em 2025, o público poderá conhecer e adquirir obras de mais de 60 artistas, selecionados por uma curadoria que reúne Comum e Thiago Alvim – idealizadores do projeto –, além da curadora convidada, Juliana Flores, e do curador assistente, Filipe Thales Bernardo. A expografia dinâmica, marca registrada da JUNTA, garante um espaço fluido, onde as obras mudam de lugar e de destaque ao longo dos dias, conforme vão sendo comercializadas, o que cria uma experiência

que está sempre em movimento. Este ano, 60 artistas vão participar do evento.

– “A gente conseguiu uma quantidade grande de pessoas que nunca passaram pela história da Junta, o que tem sido um pouco difícil, considerando o território belo-horizontino. Por isso, vimos expandindo os convites para outros estados do Brasil. Nesta edição teremos artistas de cidades como Brasília, Curitiba e São Paulo, além de artistas de BH que estarão pela primeira vez na Junta” – destaca Thiago Alvim, um dos idealizadores e curador do projeto.

Para Juliana Flores, curadora convidada da edição 2025, que acompanha a feira desde a primeira edição, a JUNTA é fundamental para a saúde do mercado da arte contemporânea mineira. Isso porque revela talentos que normalmente não estão em exposição nas grandes galerias e museus, considerando o universo da grande produção artística do estado – e sempre trazendo a arte urbana em seu DNA.

– “A gente tem desde artistas consagrados a novos nomes, com diferentes linguagens representadas. É uma produção que conta muito do nosso tempo. Pensar em arte contemporânea é isso, e são artistas que estão traduzindo muito bem esse momento que a gente está vivendo. É uma seleção de artistas com perspectivas tão diversas e que, juntos, mostram esse conjunto forte da arte contemporânea, especialmente a mineira” – destaca Juliana Flores.

A programação também inclui a tradicional praça de alimentação, na área externa da Funarte, que contará

com opções gastronômicas para quem quiser curtir o dia na feira.

SOBRE A JUNTA

Criada de forma despretensiosa entre amigos da arte urbana, a JUNTA teve sua primeira edição em 2016, como uma alternativa para que artistas independentes pudessem comercializar suas produções de forma mais democrática e acessível ao público. Já se passaram 12 edições e a iniciativa hoje integra a agenda cultural de Belo Horizonte. É realizada até duas vezes por ano, como um espaço de arte temporário e itinerante. Até hoje, a JUNTA já reuniu mais de 320 artistas e exibiu 3.280 obras. Em 2025, a feira reafirma seu papel como ponto de encontro entre artistas, colecionadores e o público interessado em vivenciar a arte de maneira mais próxima e transformadora. Este projeto é fomentado pelo Programa Funarte Aberta 2025 – Ocupação dos Espaços Culturais da Funarte.



Junta 2024
Foto: 100 Erros

SERVIÇO

JUNTA – 13ª edição – Feira de Arte Contemporânea

Dias 4, 5, 11 e 12 de outubro

Funarte MG

Rua Januária, 68, Centro, Belo Horizonte / MG

Dias/Horários: das 10 às 20h

Mais informações: [@junta.art](https://www.instagram.com/junta.art)



Encontros: Mona Hatoum x Giacometti, no Barbican Centre



Alberto Giacometti, *The Nose*, 1947 e Mona Hatoum, *Cube*, 2006

Foto: Jo Underhill, Barbican Art Gallery

Caminhar pela exposição *Encounters: Giacometti x Mona Hatoum*, no Barbican, é como atravessar um território suspenso entre passado e presente, entre sombra e luminosidade. O encontro entre os dois artistas não se constrói pela agressividade, mas pela delicadeza com que cada um, à sua maneira, toca na vulnerabili-

dade humana. Há uma cadência silenciosa no percurso, como se os objetos falassem por si, revelando tensões sem jamais gritar.

Mona Hatoum nasceu em Beirute, filha de pais palestinos. Em 1975, uma viagem a Londres tornou-se per-

manência forçada, quando a guerra civil a impediu de regressar. Desde então, seu trabalho se nutre desse deslocamento involuntário, transformando móveis, camas e utensílios cotidianos em esculturas que guardam memórias de exílio, de fronteiras invisíveis e da fragilidade da vida. Mas nada em sua obra é panfletário: os objetos não se tornam violentos e sim misteriosos, como se tivessem absorvido silêncios e cicatrizes.

É nesse registro que suas peças se encontram com as de Giacometti, mestre em destilar o corpo humano até o limite da presença. Suas figuras magras e alongadas, seus rostos que parecem oscilar entre a aparição e o desaparecimento, carregam a marca de uma existência frágil. Quando postos lado a lado, os dois artistas parecem dialogar sem palavras: ele, com a escultura como meditação sobre o ser; ela, com o objeto cotidiano transformado em metáfora de perda e resistência.

Entre os momentos mais intensos está *The Nose*, de Giacometti, um rosto suspenso que se decompõe em um gesto de medo. Hatoum o envolve em sua própria obra *The Cube*, uma estrutura de ferro entrelaçado que o torna ainda



De cima para baixo:
Mona Hatoum, *Remains of the day*, 2016-2018

Foto: White Cube (Kitmin Lee);

Mona Hatoum, *Interior Landscape*, 2008

Foto: Fakhri N. al Alami;

Mona Hatoum, *4 Rugs (made in Egypt)*

Foto: White Cube (George Darrell)



Alberto Giacometti, *Project for the Chase Manhattan Plaza: Walking Man, Standing Woman, Head on a Base*, 1959

Foto: Fondation Giacometti

mais etéreo, como se respirasse dentro de uma gaiola sem portas. Não há brutalidade nesse gesto, mas uma poética de contenção, uma imagem que sugere tanto proteção quanto aprisionamento.

Outro trabalho, *Remains of the Day*, mostra móveis queimados, sustentados por frágil malha de arame. A cena poderia evocar ruínas de guerra, destruição nuclear, incêndios recentes. No entanto, o que domina o espaço não é o choque, mas uma calma melancólica, como se os restos carbonizados se oferecessem como testemunhas silenciosas de um tempo em suspensão. No início da exposição, Hatoum escolhe colocar em diálogo *Woman with Her Throat Cut* (1932), de

Giacometti. A peça, ambígua e surreal, pode ser lida como corpo despedaçado, escorpião ou armadilha. Vista aqui, ao lado das obras de Hatoum, a escultura se desdobra em outras leituras: a forma grotesca se suaviza, convertida em metáfora do instável, do que não se define por completo.

Ao final da visita, o que permanece não é a sensação de choque, mas de reverberação. As obras não empurram o espectador para fora de si, mas o conduzem a um estado de atenção mais lenta, onde cada objeto parece conter camadas invisíveis de memória e de fragilidade. A exposição é curta em extensão, mas densa em ressonâncias. Fica a impressão de que Giacometti

e Hatoum, separados por décadas e geografias, se encontram aqui no mesmo terreno poético: o da arte que, em vez de gritar, sussurra – e, justamente por isso, continua a ecoar muito depois da visita terminar.

SERVIÇO

Encounters: Giacometti x Mona Hatoum

Até 11 de janeiro de 2026

Barbican Centre

Silk Street, London, EC2Y 8DS

<https://www.barbican.org.uk/whats-on/2025/event/encounters-giacometti-x-mona-hatoum>

Mona Hatoum, *Hot Spot (stand)*, 2018

Foto: Jo Underhill, Barbican Art Gallery



Quando o assunto é arte e aprendizado, sempre tem de tudo um pouco e em toda parte. De Paris a Tiradentes e no circuito Rio-São Paulo, veja aqui como se oxigenar com arte, ideias, dança, criatividade, passeios e diálogos que valem a pena.

Veja e escolha o seu programa!

EXPOSIÇÕES

PANMELA CASTRO – “RETRATOS RELATOS: REVISITANDO A HISTÓRIA”, NO LES JARDINIERS, MONTROUGE, FRANÇA



Panmela Castro, *Adja Arame Diéne*, da série *Retratos Relatos*

Foto: Giovanna Lanna

Exposição destaca protagonismo de mulheres negras na luta por direitos na triangulação Atlântica Brasil, França e Senegal. Com curadoria de Maybel Sulamita, a mostra integra a programação oficial da Temporada Brasil França 2025 e reúne 15 pinturas inéditas. Entre as figuras retratadas, a intelectual brasileira Lélia González e a escritora brasileira Carolina Maria de Jesus; a cineasta senegalesa Safi Faye e a famosa cantora francófona Josephine Baker, cujas trajetórias são revisitadas e recontadas a partir de uma visão contemporânea – a exposição propõe um exercício de reimaginação das narrativas sobre essas mulheres. Segundo a curadora, a

escolha foi complexa: *“Selecionar apenas 15 mulheres para abordar questões tão profundas foi um desafio, poderiam ser muitas outras. Mas as escolhidas são especiais, porque cada uma delas construiu novas formas de resistir”*. As pinturas expostas são acompanhadas de relatos biográficos com informações acessíveis sobre a vida, o legado e a relevância dessas mulheres.

Até 31 de outubro / Les Jardiniers, 9/11 rue Paul Bert, Montrouge, França / Entrada franca / Classificação indicativa: livre

VOZES – INSTALAÇÃO MULTIMÍDIA DA ARTISTA YNAË CORTEZ, TRAZ DEPOIMENTOS DE MAIS DE 80 MULHERES



Foto: Divulgação

Várias peças sonoras foram criadas a partir de depoimentos de mais de 80 mulheres entre 7 e 70 anos, que relatam o que é uma sociedade machista e como é viver nessa sociedade. Esta é a proposta de *Vozes*, instalação imersiva multimídia, criada pela artista Ynaë Cortez. A curadoria é de Felipe Amâncio. *“O processo teve início quando comecei uma pesquisa sobre a potência artística das mulheres, pensando no machis-*

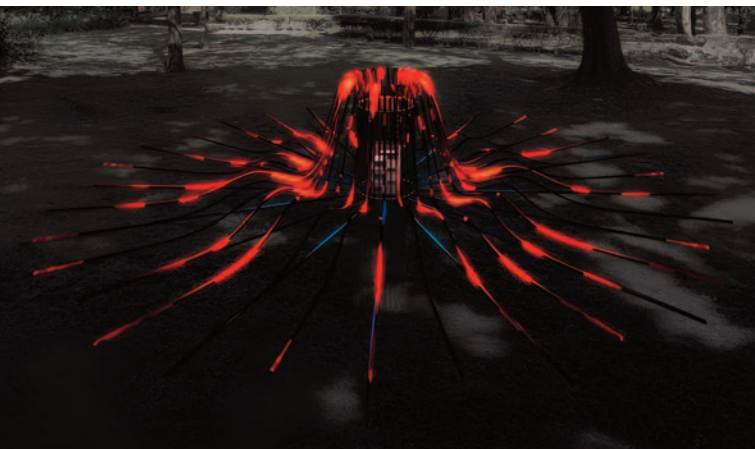
mo predominante na história da arte. Os relatos partem da perspectiva de artistas homens”, conta Ynaê. Revela também que o trabalho trata da interseccionalidade no feminismo, sob vários aspectos: experiências de vida, etnias, classe social e gênero.

Abertura: 3 de outubro / Visitação: até 29 de outubro / Centro de Artes Calouste Gulbenkian / R. Benedito Hipólito, 125, Praça XI, Rio de Janeiro, RJ / Dias/Horários: segunda a sábado, das 9h às 20h30 / Entrada gratuita / Classificação etária: 12 anos

MOSTRA 3M DE ARTE NO PARQUE DA LUZ, SÃO PAULO

Com a proposta de aproximar o público de discussões urgentes sobre corpo, ambiente e futuro, a 14ª edição do evento tem como tema *Biomorfos – A reinvenção do ser*, sob curadoria de Ana Carolina Ralston. Referência no circuito cultural da cidade, o evento reúne obras que exploram a relação entre natureza, ancestralidade e a criação de novas formas de existência. Entre os destaques, estão os trabalhos de Ayrson Heráclito, Leandra Espírito Santo, Leandro Lima, Lucida Vidal, Luiz Zerbini e Rafa Bqueer, artistas de diferentes gerações e linguagens, que ocupam o espaço público com instalações e performances inéditas. A mostra segue em exposição até 26 de outubro no ambiente bicentenário do Parque da Luz.

Até 26 outubro / Praça da Luz, s/n, Bom Retiro, São Paulo, SP / Mais informações em <https://www.mostra3mdearte.com.br/>



Leandro Lima, *Artéria*

Foto: Divulgação

DANÇA

THE FONTEYN, DA ROYAL ACADEMY OF DANCE, EM SÃO PAULO



Jakob Wheway-Hughes, medalhista de ouro do *Fonteyn* 2023, atualmente bailarino do English National Ballet
Foto: Martin Bell

O *Fonteyn* – uma das competições de balé mais famosas do mundo – chega à América Latina pela primeira vez. *The Margot Fonteyn International Ballet Competition*, principal evento do *Royal Academy of Dance (RAD)*, será realizado entre os dias 11 e 19 de outubro. Nomeado em homenagem à presidente de mais longa data da RAD, Dame Margot Fonteyn DBE, é uma das competições de balé mais antigas e prestigiadas do mundo, representando o auge da conquista para jovens bailarinos. As estrelas brasileiras da dança Ana Botafogo e Mayara Magri (primeira bailarina do The Royal Ballet e coreógrafa comissionada para o *Fonteyn* 2025) serão juradas da final, enquanto Paloma Herrera e Julio Bocca julgarão as semifinais. As sessões de orientação que dão início à competição acontecerão no Estúdio de Ballet Cisne Negro. As semifinais e a final serão realizadas no Auditório Ibirapuera. Todos os candidatos competem pela chance de ganhar a cobiçada medalha de ouro *Genee*, apoiada pela Freed of London, além das medalhas de prata e bronze, prêmios em dinheiro, e pelos prêmios de Escolha do Público Dame Margot

Fonteyn, Coreografia e Musicalidade e bolsas de estudo. Além das semifinais e finais, o público poderá aproveitar eventos complementares durante a semana, incluindo uma sessão de coaching com Ana Botafogo e a embaixadora do *Fonteyn*, a brasileira Isabella Gasparini – solista do Royal Ballet de Londres.

Para mais informações e para reservar seus ingressos, visite: <https://www.thefonteyn.org/tickets>

CARMEN – CIA PAULISTA DE DANÇA ADRIANA ASSAF

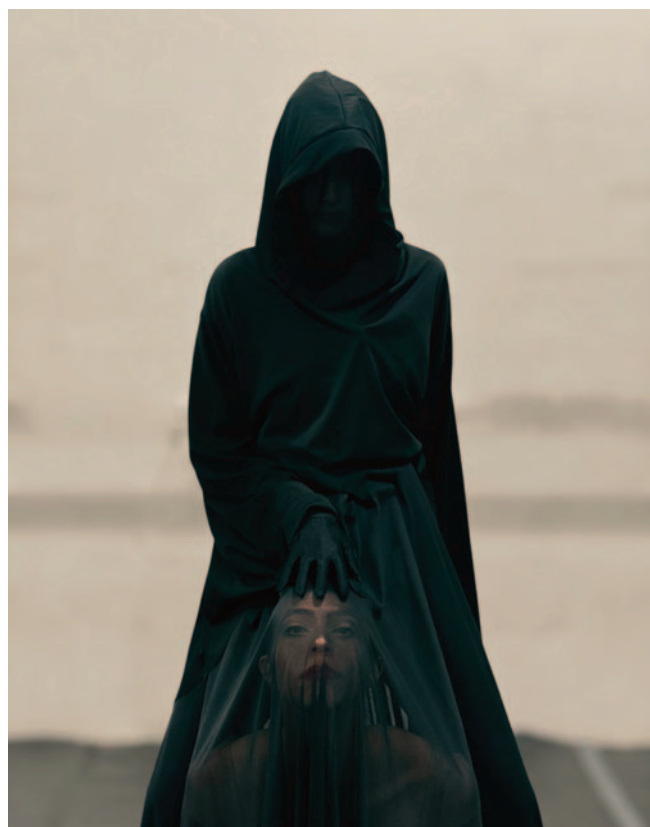


Foto: Divulgação

Na releitura de José Perez para a célebre ópera de Bizet, tradição e modernidade se encontram em uma obra visceral, marcada por intensidade e emoção. Ambientada na periferia de uma cidade contemporânea, a história ganha novos contornos, revelando disputas universais, conflitos humanos e a eterna tensão entre amor, poder e liberdade. Carmen surge como uma mulher absoluta:

independente, confiante, fora dos esquemas pré-concebidos. Sua liberdade é um estado de espírito que a torna irresistível e, ao mesmo tempo, ameaçadora. Mas atrás dela existe sempre uma sombra – invisível, porém presente. É o medo, a morte, a força silenciosa que guia todos os personagens em direção às suas escolhas inevitáveis.

3, 4 e 5 de outubro / sexta, às 21h, sábado, às 20h e domingo, às 18h / Teatro J. Safrá / Rua Josef Kryss, 318, Barra Funda, São Paulo, SP / Tel.: (11) 3611-3042 e 3611-2561 / Abertura da casa: 2 horas antes de cada horário de espetáculo, com serviço de lounge-bar no saguão do Teatro / Telefone da bilheteria: (11) 3619-3183

CRIATIVIDADE

SEMANA CRIATIVA DE TIRADENTES 2025 CHEGA À 9ª EDIÇÃO

Flyer de Divulgação



De 16 a 19 de outubro, acontece a 9ª edição da *Semana Criativa de Tiradentes*, evento consolidado como referência nacional em economia criativa, artesanato e design. Em 2024, durante quatro dias, atraiu 14 mil visitantes do Brasil, Argentina, Canadá, Colômbia, Finlândia e Noruega – um crescimento de 40% em relação ao ano anterior. Este ano, o festival amplia sua potência com novidades que prometem ainda mais visibilidade. Entre os destaques, o circuito de instalações artísticas e urbanas espalhadas por pontos históricos da cidade, com nomes como Ana Vaz, André Ferri, Marcus Camargo, Francisco Nuk, Renato Imbroisi e Studio Brasileiro + Zoom Arquitetura. Outros pontos relevantes são a Casa Paraíba, espaço que reunirá artesanato, música, folclore e gastronomia paraibana; o Palco Artesão ampli-

ado, com capacidade para até 200 pessoas; o Retorno da Casa Pará e da cena cearense, e a participação no Outubro Urbano (ONU Habitat), inserindo Tiradentes em um debate global sobre cidades mais inclusivas e sustentáveis.

De 16 a 19 de outubro / Programação completa em <https://semanacriativadetiradentes.com.br/>

DIÁLOGOS

SEMPRE UM PAPO RECEBE CÁRMEN LÚCIA E MARIA VILANI NO SESC PINHEIROS, SP



Cármén Lúcia
Foto: Diego Bressani



Maria Vilani
Foto: Rogério Alves

Em continuidade à série temática desenvolvida pelo Sesc SP em parceria com o *Sempre um Papo*, a Ministra Cármén Lúcia e a filósofa Maria Vilani vão conversar com a jornalista Semayat Oliveira sobre o tema “*Mulheres que Movem o Mundo*”, no dia 16 de outubro, quinta-feira, às 19h30, no Teatro Paulo Autran do Sesc Pinheiros, com entrada gratuita e retirada de ingressos uma hora antes na bilheteria. Neste encontro, o diálogo se volta para a trajetória de lideranças femininas que atuam em diferentes campos do conhecimento e da sociedade. Dificuldades enfrentadas pelas mulheres em espaços de poder, a conquista de novos territórios e o impacto de suas ações na transformação social serão temas da conversa. Será um momento para discutir a importância da equidade de gênero, o combate ao pre-

conceito e a valorização da diversidade como pilares de um futuro mais democrático e justo.

Sempre um Papo – Mulheres que Movem o Mundo / Convidadas: Cármén Lúcia e Maria Vilani / Data: 16 de outubro, quinta-feira / Horário: 19h30 / Teatro Paulo Autran – Sesc Pinheiros / Rua Paes Leme, 195, Pinheiros, São Paulo, SP / Entrada: gratuita, com retirada de ingressos 1h antes na bilheteria

PASSEIOS

ARTE DE PORTAS ABERTAS EM SANTA TERESA, RJ, 2025

Nos dias 4 e 5 de outubro, o tradicional evento *Arte de Portas Abertas* transforma o bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, em uma grande galeria a céu aberto, reunindo artistas, ateliês e visitantes em uma experiência única. O evento surgiu em 1996, a partir de uma ideia da escultora Clara Arthaud. Inspirada por uma visita ao “Open Studio”, em Cambridge (Inglaterra), Clara sonhou ver algo semelhante acontecer em seu bairro: Santa Teresa. A ONG *Viva Santa* acolheu a proposta. O movimento, porém, foi muito além da arte: era também um gesto de moradores em defesa da auto-estima do bairro, historicamente negligenciado pelo poder público. O evento conta com visitação a ateliês de artistas locais; exposições de pintura, escultura, fotografia e design; arte urbana, intervenções e performances; gastronomia local e música ao vivo; ambiente familiar e cultural em um dos bairros mais charmosos do Rio.

4 e 5 de outubro / Horário: das 10h às 18h / Santa Teresa – Rio de Janeiro, RJ / Entrada gratuita / Programação no instagram oficial do evento: <https://www.instagram.com/artedeportasabertasoficial>



Foto: Divulgação

IBRAM e CAIXA CULTURAL apresentam

paisagens em SUSPENSÃO

Curadoria de Daniela Matera e Daniel Barretto

**09.OUT.2025 a
18.JAN.2026**

Terça a Domingo, das 11h às 22h

Recorte do quadro Café, de Candido Portinari (1935), MNBA/RJ



Livro

CAIXA Cultural Belém

Av. Mal. Hermes, S/N – Armazém 6 – Umarizal, Belém, PA

Telefone: (91) 3397-9390

caixacultural.gov.br | [@caixaculturalbelem](https://www.instagram.com/caixaculturalbelem)

PRODUÇÃO:



PROJETO:



APOIO:



PATROCÍNIO:



REALIZAÇÃO:



Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868